



UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCH
ESCOLA DE EDUCAÇÃO – PEDAGOGIA

**FORMAÇÃO INTEGRAL E PÓS-MODERNIDADE:
QUAL EDUCAÇÃO PARA QUAL SUJEITO?**

ALUNA: RENATA ROSA OLIVEIRA DE MELO

ORIENTADORA: PROF^ª DOUTORA LÍGIA MARTHA COIMBRA DA COSTA COELHO

RIO DE JANEIRO
JULHO/2008



UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCH
ESCOLA DE EDUCAÇÃO – PEDAGOGIA

FORMAÇÃO INTEGRAL E PÓS-MODERNIDADE:
QUAL EDUCAÇÃO PARA QUAL SUJEITO?

Monografia elaborada pela acadêmica Renata Rosa Oliveira de Melo como requisito para a conclusão do Curso de graduação de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro sob a orientação da Professora Dr^a Lígia Martha Coimbra da Costa Coelho.

RIO DE JANEIRO
JULHO/2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAL – CCH
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA II

REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO:
PROFª MALVINA TANIA TUTTMAN

DECANO DO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS:
PROFª JULIA BELESSE DA SILVA LINS

DIRETORA DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO:
PROFª JANAÍNA SPECHT DA SILVA MENESES

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA:
PROFª CLÁUDIA DE OLIVEIRA FERNANDES

PROFESSORA DE MONOGRAFIA II:
PROFª JANAÍNA SPECHT DA SILVA MENESES

AGRADECIMENTOS

Agradeço

à Deus por ser o meu porto seguro, meu refugio nas horas difíceis, o escudo que me defende, a luz que me ilumina em todos os momentos.

à minha querida mãe Antonina Rosa de Oliveira e meu marido Alberto Oliveira de Melo, que com carinho agüentaram meu mau humor e me deram todo o apoio durante os meses de trabalho, quando compenetrada em meus estudos não pude dar-lhes a atenção devida.

às minhas queridas amigas de curso Ana G. Simões e Rebecca Marinho por todo companheirismo que demonstram ao longo desses anos de convivência diária.

às minhas amigas de longa data, Mônica Amorim e Jumara Mesquita, que mesmo de longe sempre me deram palavras de incentivo, transmitindo-me otimismo e força diante de todas as escolhas que me viram fazer.

à estimada professora Lígia Martha, minha orientadora e coordenadora do Neephi, que demonstrando grande sabedoria docente, mostrou-se sempre disposta, dando luzes e indicando caminhos para que tecêssemos reflexões produtivas sobre a educação de nosso país.

à todo corpo docente da graduação em pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, por sua colaboração em minha formação, não só como pedagoga, mas como cidadã.

RESUMO

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre a pós-modernidade buscando entender o campo que se configura na contemporaneidade, não só em seu contexto geral, mas, sobretudo no campo educacional. Para isso, faremos um levantamento da modernidade ressaltando os quesitos que melhor a caracterizaram, como o racionalismo e o capitalismo. Compreender as relações que prevaleceram na modernidade, tanto social, econômica quanto educacionalmente é o caminho que trilhamos em busca de fatores que justifiquem as incertezas e desesperanças que parecem caracterizar a contemporaneidade. Ao que parece, a pós-modernidade emerge com o objetivo de conciliar racionalização e subjetivação, já que, a Modernidade pode ser caracterizada pela afirmação da racionalidade geradora de um individualismo competitivo e egoísta. Por tal motivo, verificaremos aqui como a contemporaneidade tenta conciliar o individual e o coletivo, principalmente diante do fim das metanarrativas que a perspectiva pós-moderna insite em defender. Em busca da resposta para a questão sobre qual seria a educação ideal para formar o sujeito pós-moderno, passaremos o olhar sobre a educação moderna e tentaremos descrever o que temos visto no campo educacional atual. Possuindo um panorama sobre o conceito de indivíduo contemporâneo, assim também como do campo educacional, é possível perceber que mudanças devem ser feitas e se realmente devem ser feitas. A partir do momento que se almeja uma pós-modernidade de libertação, busca-se uma educação que dê conta de formar sujeitos livres, autônomos e capazes de construir uma nova realidade social. E, acreditando que a educação integral é a ideal para formar o indivíduo pós-moderno, procuraremos encontrar fatores que comprovem nossa teoria.

PALAVRAS-CHAVE: Modernidade, Pós-Modernidade, Capitalismo, Educação Integral.

Sumário

Introdução	7
Capítulo 1: Modernidade – Pós-Modernidade, pensando na contemporaneidade, como defini-la?.....	15
1.1 Do devir da idéia à fragmentação dos conhecimentos.....	16
1.2 Recapitulando o sistema capitalista para compreender a atualidade.....	22
1.3 A Pós-Modernidade para os que assim denominam a contemporaneidade.....	28
Capítulo 2: Contemporaneidade e Educação: Qual a educação ideal para atender as necessidades do indivíduo contemporâneo?.....	37
2.1 Um olhar sobre a educação na modernidade	38
2.2 A Educação na pós-modernidade, o que muda?.....	43
2.3 Seria a Educação Integral o meio ideal de formar o indivíduo pós-moderno?.....	51
Considerações Finais.....	59
Referências Bibliográficas.....	61

Introdução

De 2005 a 2007 fui bolsista de extensão do Núcleo de Estudos – Tempos, Espaços e Educação Integral, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, sob coordenação da professora Lígia Martha C. da C. Coelho. Uma das funções que compete ao bolsista de extensão, no Núcleo, é pesquisar diferentes experiências de Educação Integral em Tempo Integral que vêm acontecendo atualmente em algumas escolas públicas do país. Este estudo busca perceber as peculiaridades das experiências que vêm ocorrendo, visando divulgá-las através da página virtual do Núcleo.

Ao aprofundar meus estudos no que diz respeito a uma Educação Integral e não estando alheia aos assuntos que temos visto configura-se na contemporaneidade, que trás à tona, através de alguns estudiosos, uma suposta entrada na pós-modernidade – uma crise capitalista que carrega consigo uma teia de incertezas e mudanças que vêm desfragmentando os valores que até então sustentavam as sociedades - é possível perceber que as questões levantadas no campo cultural não estão separadas da problemática da educação. Pensando que estamos vivendo em um mundo sujeito a transformações é comum que cada vez mais a educação seja considerada um meio de mudança social ou mesmo um meio que ajude os indivíduos a participar das novidades que estão por vir, também como um agente desse processo. Nesse sentido, devemos concordar com Mannhein (1981) quando este afirma:

Em uma sociedade dinâmica como a nossa, só pode ser eficaz uma educação para a mudança. Esta (educação) consiste na formação do espírito isento de todo dogmatismo, que capacite a pessoa para elevar-se acima da corrente dos acontecimentos, ao invés de arrastar-se por eles (apud BRANDÃO, 2003, p.79-80).

Estamos vivendo um momento histórico que possui características marcantes de mudança em vários setores da sociedade. Percebemos a cada dia o aparecimento de tecnologias mais avançadas, que ampliam o caminho para o desenvolvimento de uma sociedade digitalizada. Novas formas de organização das forças de trabalho, uma produção centrada nas necessidades do cliente, que junto com os fornecedores formam uma única rede cooperativa e sistemática que se encontram flexíveis aos novos desejos e às novas possibilidades de agregação de valor ao produto

ou serviço. Ou seja, estamos diante de uma sociedade do consumo, individualista, que não se preocupa com o coletivo e tão pouco se apega a alguma coisa, o que demonstra uma mudança substancial de percepção que foi se modificando com o passar do tempo.

Em meio a tudo isso, grande incerteza paira nos contextos políticos e científicos, desenhando um futuro que se assimila a um jogo de auto-organização espontânea, onde o sujeito histórico esgota-se, apagando as esperanças em valores universais como o da libertação e da emancipação humana. Esse quadro, que retrata grandes ciclos sistêmicos de acumulação de capital e crises de hegemonia, demonstra as teias do capitalismo atual, do qual o pós-modernismo é uma expressão.

Pensar a educação na contemporaneidade talvez represente uma tomada de decisão: escolher educar segundo a pós-modernidade, sofrendo a influência de seus fundamentos culturais e axiológicos; ou optar pela negação ou imparcialidade diante dos valores e cultura iminentes na contemporaneidade. Conjuguar valores sempre foi uma questão educacional e o que motiva esta pesquisa é a investigação de como essa questão se configura no que chamam de pós-modernidade. Pensar numa educação integral neste contexto, talvez seja conseguir conciliar o máximo de desenvolvimento pessoal com mínimas limitações sociais, conjugando modernidade e contemporaneidade.

Diante da complexidade, característica da atual sociedade, pensamos numa educação capaz de dar conta da formação do sujeito contemporâneo e é incontestável a necessidade de uma educação que supra um conjunto de dimensões de ordem afetiva, cognitiva, social e ética, uma educação que articule o leque de sujeitos e espaços de aprendizagem. Por tal motivo, destacamos a Educação Integral nesse trabalho, já que esta enfatiza a totalidade do indivíduo, a formação além dos conteúdos curriculares das disciplinas escolares, mas que busca educar, também, social e culturalmente o sujeito.

Pensar num modelo de educação na pós-modernidade talvez seja viabilizar a possibilidade de conjuguar racionalidade e subjetividade, reconhecer a instabilidade do conhecimento, integrar saberes. Tudo isso nos remete a pensar numa educação comprometida com a transformação dos valores, com a formação de um ser humano completo e autônomo, com a construção da

liberdade. Tal princípio que se mostra à frente no pensamento contemporâneo, no que diz respeito à educação, tem muito a resgatar dos inúmeros quesitos que compunham o ponto de vista de teóricos que estudaram a fundo a Educação Integral.

Por acreditar que a educação pós-moderna deve ter a condição humana como principal objeto de estudo, assim como o desenvolvimento do indivíduo nas suas diversas dimensões, e considerando a ligação indissolúvel entre a unidade e a diversidade de tudo que é humano, despertamos para a importância de estudar a formação integral dos indivíduos pós-modernos, descobrindo pontos de ligação e completude nessas duas temáticas – Educação Integral e Pós-Modernidade.

Dessa forma, as questões que pretendemos responder ao longo da pesquisa são: O que podemos chamar de pós-modernidade? O que é educação integral? Qual a importância da educação integral na formação do indivíduo pós-moderno? Quais os desafios que se colocam para a educação no contexto contemporâneo?

Visando responder as questões apresentadas, a pesquisa pretende investigar a Educação Integral e os princípios filosóficos, sociais, políticos, e epistemológicos que a fundamentam. Levantaremos algumas das interpretações dadas à Educação Integral pelas distintas correntes de pensamento educacional. Cabe também a este estudo apontar os principais idealizadores da Educação Integral, em que momento histórico ela foi introduzida e comentar um pouco de sua trajetória. A partir daí, depois de percebermos o que significa uma Educação Integral, veremos se esta se aplica à realidade contemporânea.

É fundamental que os profissionais da educação estejam atualizados, que busquem acompanhar o desenvolvimento tecnológico, assim também como perceber as configurações sociais que se estabelecem. Atentos a estes quesitos é possível perceber a relevância de levantar nesta pesquisa dados que caracterizam a sociedade contemporânea chamada por alguns, pós-moderna. Descobrir o que caracteriza a pós-modernidade, significa investigar como se configura o campo científico e campo político, percebendo o que vem ocorrendo com as relações de poder que entrelaçam as sociedades e as demais peculiaridades que configuram uma época.

O que nos chama atenção, mais do que simplesmente caracterizar pós-modernidade, é perceber o papel da educação nesse momento histórico. Uma vez que ocorrem mudanças no campo epistemológico e político, conseqüentemente, novas exigências são requeridas do sujeito e de sua formação educacional. Percebendo de que forma a contemporaneidade influencia a vida dos sujeitos, é possível pensar numa educação que dê conta de formá-lo adequadamente para conseguir acompanhar as mudanças e exigências que pesam sobre ele.

Diante desse quadro, é possível vislumbrar que a educação contemporânea deve comprometer-se com estratégias eficazes, que proporcione o livre pensamento, que esteja adequada para formar um sujeito dotado de consciência, iniciativa, intencionalidade, capacidade de ocupar seu lugar socialmente, e que tenha criticidade suficiente para compreender as normas sociais e culturais que se estabelecem. É previsível que a escola que temos hoje seja posta em questão, abrindo caminhos para modelos pedagógicos que considere as dimensões afetiva, cognitiva, social e ética do indivíduo, rejeitando o totalitarismo de uma única pedagogia e proporcionando o aparecimento de uma ação educativa plural e integradora.

Por acreditar que a educação integral é o caminho mais evidente para formar indivíduos apresentamos, neste estudo, os seguintes objetivos: caracterizar Educação Integral; caracterizar Pós-Modernidade e refletir sobre as possíveis relações existentes entre formação integral e os pressupostos pós-modernos, percebendo os desafios que se colocam para a educação no contexto contemporâneo.

O que instiga nossa atenção, na pesquisa, é perceber o que é educação integral e qual a sua importância na formação do indivíduo, buscando a partir daí, perceber alguns caminhos que nos ajudariam a pensar e problematizar as formas de educar na pós-modernidade, obviamente, após ter encontrado características argumentativas que definam o momento que estamos intitulado pós-moderno. Quando chegarmos nesse ponto, será possível dissertar sobre a relevância de uma educação integral para o indivíduo pós-moderno, visando o debate referente à relação Educação Integral e Pós-modernidade.

Para responder as questões e os objetivos que propomos, neste estudo, será feito um levantamento bibliográfico de autores ligados às categorias de análise do estudo: educação integral e pós-modernidade.

Pensamos em investigar a pós-modernidade através dos olhares de Luiz Carlos de Freitas (2005), Jean-Pierre Pourtors e Huguette Dismet (1999). Tais autores dissertam sobre as incertezas que se configuram na contemporaneidade, as relações axiológicas, as crises hegemônicas e os ciclos sistêmicos do capital, visando através de tais fatores, caracteriza a pós-modernidade. Mais do que investigar pós-modernidade, esses autores se preocupam em perceber como se configura a educação em meio a este cenário de mudança.

Brevemente, podemos mencionar que Freitas (2005) aponta a pós-modernidade como um período de incertezas no que diz respeito aos campos científico e político, um momento de variadas posições, onde a dissensão e diferença representam formas de resistência. Em seu trabalho, Freitas mostra que as teses pós-modernistas esvaziam as preocupações globais, tornando a compreensão do mundo uma questão “local”, ou seja, fracionam o global. No campo da educação, corre-se o risco de um retorno a teses positivistas /pragmáticas, devido a desconstrução do pensamento progressista, influenciado pelas reformas neoliberais.

Os estudos de Zygmunt Bauman (2000) também nos serão úteis nesse percurso, já que este disserta sobre pós-modernidade e ressalta que o fator que se torna mais evidente nesta fase é a dúvida que problematiza o conhecimento, o que torna esse momento composto de incerteza e ambivalência. Segundo Bauman, a pós-modernidade é a condição atual da modernidade, e ele utiliza o termo para caracterizar a cultura contemporânea. Freitas (2005) também faz referência a Bauman ao tecer seus estudos sobre as relações contemporâneas.

Jean-Pierre Pourtors e Huguette Dismet (1999) que juntos teceram estudos sobre a educação na pós-modernidade, apresentam algumas características que marcaram a modernidade e apontam as mudanças de perspectiva vem ocorrendo. Para eles, estamos num mundo em constante mutação, que exalta a mudança e que promove a perda de sentidos e certezas pela falta de referências. Pensar a educação, atualmente, segundo os autores, é um trabalho de confronto e síntese de desafios psicológicos, culturais, econômicos, sociais e simbólicos.

O trabalho de Pourtors e Desmet nos ajuda a pensar na educação pós-moderna através da seguinte reflexão: A educação tem o papel de emancipar o indivíduo ou de integrá-lo socialmente? Queremos que o indivíduo conquiste a própria liberdade ou tenha uma ação pertinente ao grupo social a que pertence? Tais questões não são novas no campo educacional, mas devem ser repensadas para que consigamos cumprir o papel educacional na contemporaneidade. Acredita-se que a pedagogia pós-moderna deve compreender o desenvolvimento do indivíduo em suas diversas dimensões, formando sujeitos conscientes de sua identidade complexa e ao mesmo tempo comum a todos os indivíduos. Pensando como esses autores, percebemos que a educação integral é a mais completa para atender a tais requisitos, já que se dirige a totalidade do ser humano e não apenas a um de seus componentes. Portanto, é viável pensar numa educação integral para formar o indivíduo pós-moderno.

Em relação à Educação Integral, veremos os princípios filosóficos, epistemológicos, políticos e sociais que a fundamentam, através das contribuições de Paul Robin, Bakunin, Proudhon, entre outros autores citados por Coelho (2004) e Gallo (2002). Ainda com Coelho e Gallo levantaremos os aspectos da educação integral anarquista e sua contribuição para pensarmos a educação nos dias de hoje. Tais autores também nos servirão de base para tecermos comentários com relação a educação integral conforme a concepção de outros grupos, como os integralistas. Em nossa empreitada para desvendar a educação integral, contaremos ainda com o auxílio de Chaves (2002) através da qual nos embasaremos para falar um pouco sobre Anísio Teixeira e sua contribuição para implantação de uma educação integral nos anos 30.

O estudo tem, portanto, caráter teórico, e metodologicamente, trabalhará com a análise da bibliografia que, resumidamente, apresentamos. Nossa meta é, a partir da leitura de autores referência sobre Pós-Modernidade e Educação Integral, analisar suas reflexões, apresentando pontos convergentes, divergentes, complementares, no intuito de construir a relação que acreditamos existir entre uma formação integral e os princípios da Pós-Modernidade.

O tempo de realização deste estudo compreende aproximadamente seis meses, durante os quais realizamos a pesquisa bibliográfica de janeiro a março de 2008. Enquanto selecionávamos a bibliografia, aproveitamos para levantar uma discussão teórica em função da revisão dos

objetivos deste estudo. A montagem do projeto ocorreu em meados de março, a partir daí foi dado início da elaboração do relatório que compreendeu os meses de abril a junho. A revisão do texto aconteceu em junho, logo após o término da elaboração da parte escrita da pesquisa.

Para desenvolver este trabalho, que será elaborado através de uma pesquisa bibliográfica, projetamos organizá-los em dois capítulos, ao longo dos quais dissertaremos sobre Pós-Modernidade e Educação Integral. Almejamos encontrar laços capazes de integrar esses dois pontos de nosso estudo, de modo que sejamos capazes de pensar numa educação que dê conta de desenvolver o sujeito contemporâneo em todas as suas capacidades individuais, tornando-o capaz de integrar e participar ativamente numa sociedade em mudança.

Para isso, o primeiro capítulo dessa produção estará dedicado a desvendar o período histórico que estamos vivendo e que não sabemos, ao menos por enquanto, como defini-lo. Sabemos que alguns autores acreditam que já estamos vivendo na fase Pós-Moderna, outros dizem que estamos em plena era moderna, ou mesmo intitulam a contemporaneidade como uma modernidade tardia. O que nos chama a essa pesquisa não é exatamente descobrir uma nomenclatura para definir esse momento histórico, mas compreender o que vem ocorrendo com as sociedades nesse período, no que diz respeito à ordem científica e política, já que estão diretamente ligados a organização social e conseqüentemente a formação do indivíduo no que diz respeito ao que lhe será exigido diante das incertezas que semeiam esta fase.

Assim, será necessário que recapitulemos em nosso primeiro capítulo a entrada na modernidade, levantando suas características e os pontos que dizem respeito à organização social, política e científica. A partir daí, faremos o mesmo com o período que estamos vivendo atualmente, a contemporaneidade. Vislumbramos encontrar nesse percurso pontos que possam justificar a entrada na fase Pós-Moderna, e evidenciá-los para que possamos, enfim, entrar na questão da educação em nosso segundo capítulo.

Dando continuidade ao nosso trabalho, abarcaremos no segundo capítulo desse estudo a questão educacional. Levantaremos pontos que caracterizaram a educação na modernidade, assim também como tentaremos encontrar aspectos que identificam a educação contemporânea.

A partir daí, nos voltaremos a desvendar o que é a Educação integral e conhecer o que alguns estudiosos idealizaram para ela. Depois dessa reflexão será possível apontar quesitos que confluem e que divergem quando cogitamos uma Educação Integral para a Pós-Modernidade. No desfecho desse trabalho e baseados no que descobrimos ao longo dessa pesquisa, dissertaremos sobre a relevância da formação integral do indivíduo contemporâneo, respondendo as questões que motivaram essa pesquisa e que, por ventura, a essa altura ainda não foram sanadas.

Capítulo 1:

Modernidade – Pós-Modernidade, pensando na contemporaneidade, como defini-la?

Pensar como intitular o momento em que vivemos atualmente é algo que tem movido muitos estudiosos que dividem suas opiniões entre acreditar que a contemporaneidade está diante de uma nova visão de mundo, da sociedade e da ciência, num momento que alguns chamam de pós-modernidade ou fase tardia do capitalismo; enquanto outros defendem que estamos em plena modernidade, mas enfrentando uma derrocada no sistema capitalista, acreditando veementemente que ainda estamos alicerçados pelas metanarrativas e valores universais. Em Freitas (2005) vimos que há quem acredite que a pós-modernidade já acabou, que este havia sido um fenômeno iniciado em 1950 nos Estados Unidos e que repercutiu na literatura nos anos de 1960 e na arquitetura em 1970 até atingir seu ápice em 1980.

É importante que consigamos aqui ter a abrangente noção do que era a modernidade e o que é ou será a pós-modernidade. Veremos que a modernidade abriu espaço para o surgimento de grandes descobertas científicas, correntes de pensamento, inúmeras teorias que a marcaram profundamente. No entanto, como nem tudo é positivo e tão pouco eterno, a contemporaneidade surge com questionamentos arrebatadores que nos fazem (re) pensar nos valores que devem tomar conta do momento em que vivemos. Não imaginamos que seja simples tentar analisar a superação de um período histórico, até porque tal fato exige o apontamento de referenciais paradigmáticos novos que justifiquem a superação cogitada. Não intuímos aqui adentrar esse campo, mas conhecer um pouco do que alguns autores dizem para que tenhamos argumentos que embasem o que verdadeiramente queremos abordar nesse texto – a educação contemporânea. Assim, ao longo dessa abordagem que faremos procuraremos compreender um pouco melhor os fatores que delimitam o momento histórico atual, e para isso é importante que relembremos brevemente desde o início da fase moderna até os dias atuais.

1.1 Do devir da idéia à fragmentação dos conhecimentos

O início da modernidade foi marcado pelo movimento chamado Filosofia das Luzes ou Iluminismo que a partir do século XVIII deu início a uma fase marcada pelo advento da razão, legitimada pelo discurso científico e filosófico. A esperança em valores universais como a libertação e da emancipação humana, foram do ponto de vista político-social, grandes motivadores para se alcançar o progresso tão almejado. Não podemos deixar de comentar, entretanto, que no que diz respeito ao aspecto econômico, a entrada na modernidade também foi marcado pelo advento da máquina a vapor, fator relevante para o início do sistema capitalista.

Conforme Pourtois e Desmet (1999) existem duas características que marcaram a modernidade: a racionalização e uma extraordinária produção de saberes. Sem medo de errar, podemos dizer que a modernidade foi palco para a disseminação da atividade não só científica, mas racional, tecnológica e administrativa, com um objetivo definido: formar uma sociedade através do desenvolvimento moral e material do homem através do conhecimento. Logo, ocorre o abandono do mundo voltado para a subjetividade, para dar lugar ao mundo objetivo, voltado para a razão. Esse movimento libertaria os indivíduos não só da ignorância e dos temores irracionais, mas principalmente das desigualdades. Travava-se aí uma luta contra o conservadorismo, a dependência e o arbitrário.

Sob o ponto de vista de Wallerstein (2002) havia duas conotações para modernidade: a modernidade enquanto inovação tecnologia, sob uma perspectiva positiva-vanguardista; e a modernidade da libertação, que assumia características mais antagônicas do que afirmativa. A perspectiva da modernidade tecnológica pregava o progresso tecnológico, a constante inovação, o que para o autor significava que “essa modernidade era necessariamente fugaz, pois o que é moderno hoje será ultrapassado amanhã” (WALLERSTEIN, 2002 apud FREITAS, 2005, p.103). Na conotação antagônica, a modernidade da libertação, a modernidade representa o triunfo da humanidade sobre os privilégios e sobre si mesma. Logo, significava a emancipação da humanidade, sua libertação de todas as forças do mau e da ignorância. A modernidade da libertação pregava a democracia real, ou seja, o governo do povo em contraposição à aristocracia.

“(…) Esta modernidade da Libertação não era fugaz, era eterna. Tendo sido alcançada jamais se deveria abrir mão dela” (WALLERSTEIN, 2002 apud FREITAS, 2005, p.103)

A modernidade acarretou inúmeras transformações sócio-culturais, onde as concepções de mundo baseadas em dogmas ou superstições caíram desacreditadas, fazendo da razão e dos métodos científicos as únicas fontes de saber viáveis, já que o conhecimento só poderia ser alcançado pela análise dos fatos reais. A consolidação do Estado Nacional trouxe consigo um sistema tributário centrado, uma legislação e conseqüentemente um processo de burocratização. O capitalismo também veio transformar a realidade dos indivíduos desde o início da modernidade, trazendo uma organização racional do trabalho e da produção, utilizando a mão-de-obra de trabalhadores livres, usufruindo os conhecimentos científicos de forma técnica. Esta fase favoreceu uma expansão econômica que teve seu pontapé inicial na Primeira Revolução Industrial, na qual a economia industrializada baseava-se no ferro, no carvão e nas máquinas a vapor. Este primeiro boom ocorreu na Inglaterra, onde era realizada a produção de tecidos manufaturados de lã e algodão que eram exportados para todo o mundo, por meio das ferrovias e navios a vapor.

Apesar do progresso sentido com a Primeira Revolução Industrial, o grande movimento de expansão da economia moderna ocorreu na Segunda Revolução Industrial, que também ficou conhecida como Revolução Científico-Tecnológica. Essa Segunda Revolução foi a responsável por marcar nossa identidade, já que foi a partir daí que o ritmo da vida moderna se apresentou com bastante clareza através da intensidade da comunicação, do trabalho e do transporte. Foi nessa época que as descobertas científicas proporcionaram o desenvolvimento de novas potências energéticas como a eletricidade e os derivados de petróleo, fato que alavancou a exploração industrial. Simultaneamente a essas novidades foram surgindo, em curto espaço de tempo outras, como o telégrafo, o telefone, o avião, a televisão, etc. Essas novidades revolucionaram o modo de vida europeu e americano entre o final do século XIX e início do século XX, assim como estabeleceram o poder da burguesia capitalista proprietária dos bens.

Em resultado do desenvolvimento do capitalismo a cidade vai se incorporando sutilmente a Estados Nacionais, deixando de esgotar-se em si mesma. A modernidade faz da cidade o

suporte da indústria e do comércio, restando ao campo o papel de fornecedor de matéria-prima, o que fortalece a economia urbana. A cidade passa a ser mais que uma associação econômica e reguladora, ela passa a ter seus conceitos políticos e administrativos. É interessante ressaltar também o fato que a cidade se torna, em maior ou menor grau, *cidade dos consumidores*, provenientes de naturezas econômicas diversas.

Assim como trouxe grande evolução e facilidades, a vida moderna também passou a apresentar problemas, que em sua maioria estavam ligados a reivindicações que os indivíduos faziam para preservar sua individualidade e autonomia diante da cultura e das forças sociais que se estabeleciam de forma tão rápida, exigindo que estes se tornassem independentes do Estado, da religião, da economia e da moral. As mudanças da vida moderna proporcionavam liberdade ao mesmo tempo em que exigiam um indivíduo que se permitisse ser uniformizado e nivelado pela sociedade que agia impulsionada pela tecnologia. Tal fato tendia a fazer com que os indivíduos tomassem atitudes movidas pela razão e nunca pela emoção.

A racionalidade ao mesmo tempo em que impulsionou as idéias modernistas, também ocupou o lugar do fator de desapontamento ideológico moderno. O pensamento moderno tentou de todas as maneiras manter a união entre o indivíduo e a sociedade, mas este a cada dia tinha menos espaço para sustentar sua subjetividade, sendo levado a desempenhar o papel de trabalhador e cidadão, mas reprimindo seus sentimentos e capacidade de criar. Pourtois e Desmet (1999, p. 24) disseram que: "... o pensamento moderno levou a uma soberania política a serviço da razão, contexto em que a noção de sujeito não tem lugar". Assim, se aqui nos cabe fazer uma crítica à modernidade, é preciso dizer que esta privilegiava a racionalidade em detrimento ao sujeito e sua subjetividade.

Ao falamos de modernidade sabemos que alguns fatores a caracterizam de forma especial: universalidade, autonomia e individualidade. A razão servia para o bem e para o mau das pessoas, pois apesar de agir como um instrumento de dominação sobre o indivíduo, este corria o risco de fechar-se em seu individualismo se ficasse alheio a esta. Como comentamos até aqui, o projeto moderno sempre teve um caráter universalizante, mesmo quando o capitalismo assumiu as rédeas da modernidade, esta pretensão baseou-se no trabalho como meio emancipatório. Foi

esse o momento que o antagonismo entre duas classes tornou-se aparente: a burguesia capitalista (detentoras dos bens e serviços) versus a classe trabalhadora (vendedora de sua força de trabalho). O surgimento do proletariado e a emergência de novos aportes teóricos burlaram o modelo de conhecimento e de homem idealizados para a modernidade. Mais adiante comentaremos com maiores detalhes essa relação intrigante que ajudou o capitalismo a ter uma vida longa e ainda sem data para terminar.

Podemos dizer que a modernidade foi uma fase marcada pelos metarrelatos (consensos) que recorriam à dialética da validação dos discursos e do devir da idéia que ocasionaria na emancipação da humanidade, ou seja, como dissemos anteriormente, o saber era legitimado pelo discurso científico ou filosófico que ao atingir certas características determinantes estaria restrito ao consenso de um pequeno grupo detentor do saber. O saber verdadeiro tornou-se um componente social devido ao seu caráter restritivo. Segundo Wallerstein (2002, apud FREITAS, 2005, p.31) três grandes filosofias políticas, que permaneceram em conflito declarado entre si, foram responsáveis pela ideologia moderna, são elas: o socialismo, o liberalismo e o conservadorismo. Tais ideologias surgiram como estratégias políticas para lidar com as novas crenças, com as mudanças e com a soberania moral do povo.

Não cabe a esse trabalho aprofundar as bases político-filosóficas das ideologias que se desenvolveram ao longo de 200 anos, mas é interessante que saibamos um pouco sobre elas para que possamos compreender melhor a contemporaneidade. Diante disso, podemos dizer que o conservadorismo rejeitava a modernidade e a via com algo perigoso ou prejudicial. Para os conservadores cabia ao Estado defender os valores tradicionais diante das transformações estabelecidas pela modernidade.

Os liberais não eram avessos à modernidade, mas pretendiam alcançar o desenvolvimento trazido pela modernidade de forma comedida. Tinham apressado a modernidade tecnológica, mas não apoiavam a modernidade da libertação. Segundo eles, cabia ao Estado criar condições adequadas para o progresso dos direitos individuais. Já os socialistas acreditavam que o progresso era necessário e inevitável, tendo grande apressado pela modernidade da libertação. Para

eles o Estado deveria representar a vontade geral e não acreditavam que as reformas devessem ser feitas de cima para baixo.

O socialismo surgiu com o objetivo de implantar uma sociedade igualitária. Para isso, seguiam uma ideologia favorável à classe proletária, que sobrevivia com intensa exploração nas indústrias, trabalhando com uma carga horária muito extensa, com salários baixos e sem direitos. O principal representante dos ideais socialistas foi Karl Marx, que descrevia o sistema capitalista como um sistema gerador de riquezas. Para ele, a sociedade ideal e justa era aquela organizada de maneira que o Estado deveria ter a posse das propriedades privadas; em que toda a riqueza gerada deveria ser dividida entre os trabalhadores e em que não havia divisão de classes. Segundo Bauman, o socialismo ficou prisioneiro do projeto da modernidade: “como todas as contraculturas, o socialismo moderno pertence à mesma formação histórica da sociedade a que se opunha” (1999 apud FREITAS, 2005, p. 36).

Das três ideologias que conduziram a modernidade e que almejavam alcançar a transformação social através do Estado, o liberalismo foi aquela que ocupou a categoria de ideologia dominante. O fato é que nenhuma das três ideologias deu conta de concretizar suas concepções o que dá abertura para que teses pós-modernas venham a se apoiar nesse fato, e em outros, para justificar o esgotamento das metanarrativas presentes na modernidade. Como veremos mais adiante, uma das razões que pós-modernistas apontam para o fim da modernidade seria o fim das metanarrativa. Cabe aqui, no entanto, continuar a tentarmos perceber qual foi o epicentro das grandes transformações contemporâneas, fato que divide opiniões.

Wallerstein (2002, apud FREITAS, 2005, p.34) arrisca dizer que em 1968 aconteceu a abertura da grande crise capitalista que se formaria no ano de 1970, e que o ano de 1989 foi praticamente a continuação de 68, palco para uma grande derrota para os que sustentavam a economia capitalista, além da queda do liberalismo. Enfim, até que surja uma quarta ideologia não é possível descartar a possibilidade que os ideais socialistas ou liberais tomem novo fôlego e voltem a impulsionar mudanças, é claro que de forma diferente e não com as peculiaridades com que se apresentou anteriormente.

No final do século XX e início do século XXI, após o colapso do bloco socialista e do fim da Guerra Fria, provavelmente o epicentro das grandes transformações contemporâneas, o mundo presenciou um processo de globalização. Essa fase foi marcada por um aprofundamento da integração social, política, cultural e econômica intensificadas pela mídia. A saturação dos mercados facilitou o processo, já que em busca de maiores ganhos ocorreu o barateamento dos meios de transporte e comunicação. Além da revolução tecnológica dos meios de comunicação, ocorreu a reorganização do mundo em blocos comerciais e não mais ideológicos como no início da modernidade.

Presenciamos na modernidade, como em nenhum outro período histórico, uma multiplicidade de conhecimentos em todos as áreas, ou seja, novos saberes que emergiram em todos os campos. No entanto, esse excesso de conhecimentos fez com que se corre um risco: perda de significação. Pourtois e Desmet (1999) dizem que a modernidade se impôs à sociedade por meio da mídia, fato que gerou um movimento de banalização da cultura, ou seja, uma mundialização dos saberes, ocorrendo uma espécie de hibridização entre culturas populares locais e uma cultura de massa universal.

A multiplicidade de saberes na modernidade foi de fato constatado, mas ocorreu que o fluxo da comunicação não foi suficiente para que os saberes acumulados mantivessem sua ligação, o que acarretou uma fragmentação do conhecimento e conseqüente perda de significação. “Cada uma das ciências modernas continua a progredir, mas o seccionamento disciplinar proíbe, por enquanto, qualquer capitalização desse saber, fragmentado em diferentes competências esparsas, até mesmo irreconciliáveis” (XIBERRAS, 1993 apud POURTOIS; DESMET, 1999, p 26). Assim como os conhecimentos foram se fragmentando ao longo da modernidade, a noção de sujeito e a sociedade se fragmentam junto com ele, devido às dissociações que ocorrem nos campos do individualismo e da racionalidade. Os grupos sociais foram se desapegando das tradições com o passar do tempo, principalmente devido a influencia do capitalismo, responsável por uma das dimensões institucionais mais relevantes da modernidade, conforme veremos a seguir.

A modernidade, com as reivindicações da razão substituindo as tradições, sempre transmitiu a impressão de certeza, já que os conhecimentos produzidos eram reflexivamente aplicados. No entanto, esse conhecimento não estava livre de ser revisado, fato que atualmente tem vindo à tona através da reflexão sobre o diálogo da certeza com a incerteza, da separação com inseparação. É exatamente essa ambigüidade que atualmente marca a contemporaneidade que se torna um dos quesitos que levantam a possibilidade de estarmos adentrando a pós-modernidade.

1.2 Recapitulando o sistema capitalista para compreender a atualidade.

Depois de termos começado a nossa discussão abordando a questão da modernidade, é necessário que enfatizemos agora uma questão de extrema relevância – o capitalismo – para que possamos, mais adiante, compreender melhor a proposta pós-moderna que tende a caracterizar a contemporaneidade. A origem do capitalismo data da passagem da Idade Média para a Idade Moderna que através do renascimento urbano e comercial fez emergir a classe social burguesa que visava alcançar lucro através das relações comerciais. Logo, capitalismo está diretamente ligado à modernidade, pois foram as revoluções liberais modernas (Revolução Francesa, Revolução Inglesa e Independência dos EUA) responsáveis por constituir a estrutura para a implantação definitiva desse sistema nas sociedades ocidentais, principalmente depois da Revolução Industrial, na segunda metade do século XVIII, como relatamos anteriormente.

A modernidade, que inicialmente visava emancipar a humanidade, acabou se direcionando para o desenvolvimento histórico do capitalismo. Foi a partir daí que se estabeleceram as novidades trazidas pelo sistema do capital: a moeda substituindo as trocas, acumulação de capital, produção coletiva em massa, geração de lucro, uso de mão-de-obra assalariada, fortalecimento do poder burguês, relações bancárias, desigualdades sociais, entre outros fatores.

Foi através da Revolução Industrial que a modernidade começou a mostrar suas garras, pois modificou o sistema de produção: a máquina passou a substituir o homem. A rapidez da

produção fez com que os donos das fábricas alcançassem um lucro inacreditável que ficava com os empresários, já que esses pagavam salários muito baixos a seus empregados. Devido à produção em série, as mercadorias ganharam um preço mais acessível. No entanto, tais mudanças trouxeram muitos problemas para a população tais como: desemprego, condições precárias de trabalho, acidentes com as máquinas, poluição do ar, etc. Começava aí uma época de exploração não só dos recursos naturais, que eram usados como matéria-prima, mas dos trabalhadores das jazidas de minério e dos empregados das fábricas.

Para analisar a evolução das relações econômicas nas sociedades humanas ao longo da história, é interessante que conheçamos a perspectiva marxista, que além de fazer uma análise do sistema do capital, expõem uma dialética das forças entre opressores e oprimidos, ou seja, entre poderosos e fracos - burguesia e proletariado. Ciente de estar diante de uma sociedade que se baseia na produção econômica, Marx propunha a inversão da pirâmide social, almejando que o proletariado pudesse deter o poder constituindo uma força capaz de construir uma nova sociedade através da extinção da sociedade capitalista. Marx, que dizia-se um analista cientista, acreditava que em todas as sociedades onde a propriedade é privada existe luta de classes, nesse caso deve existir uma disputa ideológica afim de que o socialismo fosse assumido como luta política pela tomada de poder. O proletariado, para atingir o poder deveria estar amparado por um partido político revolucionário democrático que o “instruiria” na revolução. Através da crítica à economia burguesa, Marx averiguou que o capitalismo nasceu das forças produtivas do próprio homem, mas devido às múltiplas contradições internas do sistema, conseqüentemente ele seria substituído por uma teoria econômica oposta a ela - o sistema socialista.

Wallerstein ressalta a importância de conhecer a teoria marxista da modernidade, mesmo que muitas vezes esta tenha parecido utópica, é inevitável deixar de considerar que Marx nos possibilita imaginar uma outra ordem social. Para isso, o autor aponta quatro pontos importantes para identificar o sistema internacional moderno segundo Marx: a luta de classes, a alienação, a ideologia, a polarização econômica e a mais-valia (2002 apud FREITAS, 2005, p. 40).

O sistema econômico moderno não permite que nenhum sujeito enriqueça através de seu trabalho, muito pelo contrário, é visível o enriquecimento daqueles que vivem da renda do capital

(os empresários) às custas do empobrecimento de grande parcela da população que vive da força de seu trabalho, a polarização econômica. A teoria marxista ao apontar que os trabalhadores estariam dominados pela ideologia da classe dominante, mostra que o sistema capitalista envolveu as pessoas de tal modo que ficou difícil superá-lo. A fórmula marxiana $D - M - D'$ (D - dinheiro, M - mercadoria, D' - dinheiro valorizado) é perfeita para que compreendamos o capitalista individual, assim também como o sistema internacional capitalista no seu conjunto: o capital investido na produção é transformado em mercadoria, ao ser vendido é atribuído um valor à essa mercadoria que conseqüentemente valoriza o capital inicialmente investido.

A teoria marxista acreditava que o capitalismo é um sistema onde não existe a possibilidade de se estar livre da injustiça social, já que geralmente a riqueza provém da exploração do trabalho, onde o empregado produz mais para o empregador do que o seu próprio custo para a sociedade. A diferença entre o preço que o empresário paga pela força de trabalho e o valor que cobra dos produtos produzidos, gera o que chamamos de mais-valia absoluta. O capitalismo moderno apresentou uma forma de mais-valia distinta da anterior, na qual o lucro empresarial seria alimentado pelo aumento da produtividade do trabalho advindo do aperfeiçoamento tecnológico e da racionalização, o que denomina-se mais-valia relativa. Assim percebermos que o quesito mais-valia é praticamente uma lei essencial do sistema e segundo Wallersteins, a mais-valia relativa nos faz perceber como se estabelecem as relações entre tecnologia, ciência e produção na contemporaneidade (2002, apud FREITAS, p. 40).

A alienação gerada pelo sistema capitalista é um mal presente em quase todas as relações sociais estabelecidas na contemporaneidade. Mais do que pregava o raciocínio de Marx - que dizia que todo trabalho é alienado por ser tratar da produção de um objeto alheio ao sujeito criador e que permaneceria nessa condição até que o valor incorporado pela força de trabalho fosse devidamente apropriado pelo trabalhador - a alienação gerada pelo sistema capitalista é um complexo que está diretamente associado ao desenvolvimento das forças produtivas e do modo como ela se dá, o que acarretou num descompasso entre o desenvolvimento da capacidade humana e a formação de sua personalidade. Logo, quando mais as sociedades se desenvolvem, e conseqüentemente, atribuem valor às coisas materiais, mais desvalorizado fica o mundo dos homens e mais evidente se torna a alienação.

No século XX o mercado globalizado, as corporações financeiras e o sistema bancário assumiram o patamar dos grandes responsáveis pelo desenvolvimento. O capital e grande parte dos lucros que circulam nacional e internacionalmente passam pelo sistema financeiro. A globalização permitiu que as grandes corporações conseguissem reduzir custos e passassem a produzir produtos em diferentes partes do mundo. As indústrias e o comércio não deixaram de lucrar, mas o atual contexto econômico é mais propício para os sistemas financeiros e bancários.

O sistema capitalista atual é um nato produtor de incertezas que assolam a contemporaneidade. Um dos grandes vilões é o desemprego estrutural, ou seja, a extinção de inúmeros postos de trabalho devido a introdução de novas tecnologias que busca recompor as taxas de acumulação de riquezas, abalado neste momento. Tal fato não tem relação com o desemprego conjuntural devido ao excesso de produção, como vimos em alguns momentos históricos, tratando-se de vagas que não voltarão a existir. Como consequência do desemprego estrutural vimos emergir uma estratégia que induz a existência de mão-de-obra abundante e, sobretudo, barata. Os trabalhadores, sem muitas opções de emprego, priorizando sua sobrevivência fazem vista grossa no que diz respeito às condições de trabalho, o que desestabiliza não o só indivíduo, mas a classe trabalhadora. Ao comentar sobre o capitalismo, Freitas (2005, p.25) diz que: "... Na ânsia de manter suas taxas de acumulação de riqueza, o capital precisa parcelarizar o trabalho, precalizá-lo, livrar-se dos encargos, com o objetivo de maximar o lucro".

Diante desse problema, os pobres praticamente excluídos do convívio social, padecem sem emprego deixando com que a economia informal tome conta de sua realidade. É incontrolável o crescimento das favelas que vivem sob gestão de grupos armados que ditam as regras da comunidade local, ocupando o lugar do Estado e guiando as pessoas com a formulação de leis paralelas. A falta de esperanças, até mesmo na educação, faz com que o indivíduo se deixe levar pelo imediatismo, cedendo ao trabalho informal ou até mesmo às circunstâncias ilegais visando superar as dificuldades. A classe média, categoria que ainda detém um emprego convive com a incerteza de ter seu trabalho garantido por muito tempo. A insegurança contemporânea também assolou a burguesia, que por vezes não aguenta a concorrência do mercado sendo forçada a vender empresas, parte delas ou pedir falência. Os mais abastados

vivem aprisionados em suas fortalezas, sob o monitoramento de seguranças, sistemas de alarme, carros blindados. Tudo isso porque a crise gerada pelo capitalismo atingiu o ápice no que refere as desigualdades sociais que trouxeram consigo um índice absurdo de criminalidade. Obviamente, existe uma teia emaranhada de fatores que geram a violência contemporânea, mas o esquema do capital está no centro de tudo isso levando os indivíduos das classes menos abastadas a conviverem com situações de intensa dificuldade financeira, desemprego ou subemprego.

A realidade que estamos vivendo hoje indica que presenciamos um momento marcado pela ética do consumo, da circulação e não do trabalho. A crise capitalista permeada por incertezas faz com que os indivíduos se preocupem com o aqui e agora, deixando que o futuro seja pensado por outros. A luta pela sobrevivência torna os indivíduos narcisistas, preocupados somente com as suas necessidades, fato que desestabiliza as organizações coletivas como associações, partidos políticos..., o que faz da modernidade um berço de fragmentações. “A impotência do indivíduo perante o futuro é, ao mesmo tempo, a plena potência do capital para pensar o seu futuro com total ausência de limites, com total flexibilidade e liberdade (liberdade aqui entendida como possibilidade de realização de valor)” (FREITAS, 2005, p.22). Tal fato justifica tamanha longevidade do sistema do capitalista, que acompanhou ao longo de sua trajetória inúmeros momentos de instabilidade e troca de hegemonia: do Estado Genovês, dos holandeses, dos ingleses e a atualmente dos norte-americanos.

Visando compreender a situação atual da economia capitalista é interessante que citemos Freitas (2005) quando este menciona a releitura que Arrighi (1996) faz da fórmula marxiana D-M-D’onde: D-M deve ser entendida como a fase da expansão material com predomínio de uma sociedade do trabalho; e M-D’ representa a fase monetária que tem como característica a ética de consumo, o período monetário de financeirização e de consumo estimulado pelo crédito. Juntas, essas duas fases constituem o ciclo sistêmico de acumulação que está sempre em busca de flexibilidade e liberdade de escolha.

A fórmula também nos diz que, quando os agentes capitalistas não têm expectativa de aumentar sua própria liberdade de escolha, ou quando essa expectativa é sistematicamente frustrada, o capital tende a retornar a formas mais flexíveis de investimento – acima de tudo, à sua forma monetária. Em outras palavras, os agentes capitalistas passam a “preferir” a liquidez, e uma

parcela incomumente grande de seus recursos tende a permanecer sob fórmula líquida. Essa segunda interpretação está implícita na caracterização braudeliana da “expansão financeira” como um sintoma da maturidade de determinado desenvolvimento capitalista. (ARRIGHI 1996, apud FREITAS, 2005, p.49)

O fragmento que destacamos acima é importante para que compreendamos que a hegemonia norte-americana vive atualmente esse momento de financeirização, de esgotamento. Segundo Arrighi, que analisou os ciclos de hegemonia anteriores, a contemporaneidade não vive um novo estágio do capitalismo, mas um momento de intensa crise hegemônica que apresenta como característica uma bifurcação financeira e militar que afasta a possibilidade de guerra, mas o aproxima de um caos sistêmico (1996, apud FREITAS, 2005, p.49).

Esse momento de intensa crise que estamos vendo emergir foi crescendo como uma bola de neve desde 1970, somadas à crise na periferia do sistema capitalista de 1980 e com a derrocada do socialismo real em 1990, seguindo atualmente rumo aos países centrais, acarretam segundo Kurz (1992, apud FREITAS, 2005, p.44) no “colapso da modernização”. Para Kurz a forma de reprodução da modernidade perdeu sua forma de funcionamento e integração. Talvez seja este o momento para dar atenção às teorias pós-modernas que vêm tomando conta do pensamento e esforços de muitos estudiosos ao analisar o sistema capitalista contemporâneo. Fase esta que, além de ter apagado as esperanças em valores universais como a emancipação humana (um dos elementos que impulsionou a modernidade em seu florescer), vem fazendo com que o sujeito histórico se esgote e fragmente diante das incertezas que se configuram.

Ao fazer um breve relato sobre a história do capitalismo e a configuração contemporânea desse sistema, concluímos que a pós-modernidade é a expressão que caracteriza esse jogo de auto-organização espontânea que acabamos de descrever em que a fragmentação, o individualismo, os sistêmicos de acumulação de capital e crise de hegemonia são os quesitos levantados para justificar tal período de transição, se é que podemos usar a palavra transição.

1.3 A Pós-Modernidade para os que assim denominam a contemporaneidade.

Ao falar sobre pós-modernidade é interessante conhecer a opinião de diferentes pontos de vista sobre essa questão. Não cabe aqui levantar o ponto de vista de inúmeros autores, mas deixar que fluam algumas idéias que nos façam compreender o nosso tempo. A partir dessa compreensão será possível que nos detenhamos, mais à frente, à questão educacional contemporânea, o que na verdade é nosso principal objetivo nesse estudo. Para início a reflexão sobre pensamento pós-moderno, a posição de Eagleton (1998), citado por Freitas (2005, p.11) pode nos dar luzes: "... a pós-modernidade é um pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a idéia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou fundamentos definitivos de explicação". O conceito pós-moderno pode mostrar-se um tanto contraditório e conflitante, principalmente devido à tendência de utilizar meios argumentativos racionais ao mesmo tempo em que faz uma crítica intensa ao modo como a razão era requisitada na modernidade.

Uma das críticas feitas à modernidade foi seu caráter centrado na racionalização com o princípio de organizar a vida social e coletiva, fato que deixou evidente sua contrariedade à subjetividade, a tudo que está centrado no indivíduo. Tendo em vista a notória fragmentação da modernidade associada à crise sistêmica capitalista e aos inúmeros fatores que denotam a instabilidade e incertezas contemporâneas, surge a perspectiva pós-moderna. Esta tese emerge repleta de intenções e estratégias de reconstruir os universos sociais, culturais, pedagógicos e até mesmo econômicos o que torna esse momento extremamente complexo. Coloca-se em questão as certezas que estruturaram a modernidade, reconhecendo o caráter instável do conhecimento e buscando conjugar saberes, ao mesmo tempo em que faz mediações com fatos contraditórios, integrando racionalização com subjetivação. Em outras palavras, a contemporaneidade parece estar rumo ao caminho do conhecimento, mas não como antes, dessa vez existe a intenção de articular saberes em busca do progresso, aparentando ser uma fase de integração, que combaterá a fragmentação construindo um sistema menos disperso.

Ao que parece, o pensamento pós-moderno emerge tendo alguns eixos que o caracterizam muito bem: racionalização versus subjetivação em busca de uma integração; o fim das esperanças

políticas e o fim das metanarrativas. Se a modernidade foi marcada pela ruptura entre racionalidade e a subjetividade, a pós-modernidade emerge com o intuito de proporcionar a reintegração desses dois pontos. A proposta pós-moderna ao reivindicar a emergência do sujeito não rejeita a visão racionalista, muito pelo contrário, visa integrar as duas. Os pós-modernistas preconizam estabelecer uma dialética entre o subjetivismo e o objetivismo, como podemos ver no seguinte fragmento:

O interesse do mundo pós-moderno é a perspectiva de uma possível, necessária e crescente interação entre sujeito e razão, a subjetividade e a objetividade. Não se trata aqui de privilegiar uma ou outra dessas dimensões, mas de fazê-las dialogar. De fato, o homem pode ser objeto de um conhecimento objetivo, mas não pode ser ao mesmo tempo considerado sujeito e subjetividade (POURTOIS; DESMET, 1999, p. 29).

Na perspectiva pós-moderna o sujeito individual não está separado de seu papel de sujeito social, ele não se apresenta desvairado em causa da própria identidade, mas também não é submisso às normas estabelecidas pela cultura e sociedade. É um sujeito que alcançou o equilíbrio entre o pessoal e o social. Assim, Pourtois e Desmet (1999, p.30) dizem que “Hoje, os potenciais de evolução já não se assentam apenas num crescimento dos conhecimentos científicos e técnicos, mas também nas pessoas, com seus recursos humanos suscetíveis de ser mobilizado”.

O pouco que falamos sobre a teoria pós-moderna já remete nosso pensamento para a questão da integração, da recomposição, da busca por uma reestruturação da modernidade. Pourtois e Desmet (1999) ao citarem M. Xiberras (1993) enfatizam que a contemporaneidade, que para eles deve ser descrita como um momento histórico pós-moderno, mostra-se oportuna para superação da fragmentação do conhecimento gerado na modernidade. Se a modernidade procurou elevar as diferenças e intensificar as distâncias, a pós-modernidade almeja exatamente o oposto: ressaltar as semelhanças para, enfim, aumentar a aproximação e a produção de saberes.

Colocamos, há pouco, a importância de conhecer as ideologias político-filosóficas que semearam o pensamento moderno, a fim de compreender melhor o desenrolar da contemporaneidade. Essas ideologias tinham em comum a crença de que as transformações deveriam acontecer por via do Estado, mas cada uma seguia uma linha de pensamento distinta apesar de serem, segundo análise de Wallerstein (2002 apud FREITAS, 2005, p.31):

“...estratégias políticas de longo prazo para lidar com as novas crenças na normalidade da mudança política e na soberania moral do povo”.

Os pós-modernistas são convictos de que vivemos uma fase onde surgirão novos paradigmas, que mesmo contendo os antigos, mostrarão que são válidos e que devem ser reconhecidos. “Entre os saberes, as correntes de pensamento, os modelos e teorias diferentes, até mesmo distintas e ignorantes uns dos outros, se estabelecerá uma necessária comunicação, uma verdadeira filiação constituindo a superação procurada” (POURTOIS; DESMET, 1999, p.30). Tal fato nos faz pensar que a contemporaneidade parece ter a propensão de se reorganizar buscando alcançar um paradigma original, ou seja, ela está cedente por reinventar, criar uma nova produção utilizando os saberes já adquiridos. Os que defendem essa perspectiva julgam que o sistema é mais eficaz à medida que vai se tornando mais complexo, principalmente porque prega a integração dos saberes mais diversos. Assim, não existe mais a noção de alternativa no que diz respeito aos conhecimentos, pois não acontece mais a eliminação de um pensamento mediante a escolha de outro. O trecho abaixo reitera o que temos dito:

...os saberes deverão escapar do pensamento multilado e multilante para alcançar paradigmas complexos, alimentados por ambigüidades, contradições, incertezas. Um intermeio deverá desenvolver-se, afastando, a um só tempo, os pólos distintos e os reaproximando, fazendo-os retroagir e entrar em mediação, elaborando, enfim, laços entre os elementos contraditórios... No contexto pós-moderno, o importante é restaurar o intermédio entre os temas paradoxos (POURTOIS; DESMET, 1999, p. 31).

Se existem pontos que merecem ênfase na proposta pós-moderna, um deles é o fato de não existirem mais modelos impostos como na modernidade, abrindo espaço para o imprevisível, para o novo, para os questionamentos, confrontações e livre negociação. Tal fato faz com que esse momento pareça não ter uma finalidade, causando incertezas científicas e políticas. Na modernidade, o campo político-social foi marcado pela esperança, e o campo científico, pela certeza (mesmo que estas fossem provisórias). Segundo Freitas (2005), a pós-modernidade ao propor a incerteza colabora, conseqüentemente, para o fim das esperanças em valores universais, sobretudo da emancipação humana e da libertação. A perspectiva pós-moderna emerge acabando com as esperanças no campo político, ou seja, consagrando o fim das metanarrativas (dos discursos); e também, no que diz respeito ao conhecimento, fadando o fim das certezas

provisórias, compondo o complexo mapa das incertezas contemporâneas. Sendo assim, a questão pós-moderna está em encontrar um eixo entre as incertezas políticas e científicas. Esse fato é capaz de explicar o fim das esperanças no campo político e o relativismo¹ no campo científico.

Freitas (2005) diz que o fim das esperanças é justificado pelo relativismo, o que faz com que as incertezas políticas se tornem naturais ocultando, assim, a crise capitalista. As incertezas que se configuram podem ser interpretadas como um fenômeno novo, que trás à tona, uma nova visão de mundo, novas formas de conceber os conhecimentos e novos meios de organização social. No entanto, há quem prefira acreditar que as incertezas contemporâneas são geradas pelas contradições do sistema capitalista considerando suas dimensões espirituais e materiais. Para vislumbrar as formas diferentes de organização, Freitas (2005, p.3) nos diz que: “seria necessário vencer os efeitos desmobilizadores das incertezas, de forma que permita um mínimo de esperança que organize os variados movimentos de contestação, para a criação dessa nova ordem”.

Como vimos, os discursos contidos nas filosofias políticas que conhecemos na modernidade (conservadorismo, liberalismo e socialismo) não deram conta de seu intento, o que acaba sustentando a perspectiva pós-moderna, pelo menos nesse caso, quando esta prega o fim das metanarrativas. Para Freitas (2005), todas as filosofias políticas modernas deverão ser repensadas em suas origens básicas, pois se estamos vivendo um momento de crise de hegemonia, provavelmente essas filosofias passarão a limpo suas idéias originais e formularão novas propostas almejando estar no centro do pensamento na fase que esta por vir. É bem provável que isso venha a acontecer, mas ainda é esperado que surja uma outra filosofia política que consiga dar conta de vislumbrar uma organização social e econômica capaz de derrubar o capitalismo e impedir que ele se reestruture novamente depois de uma fase de crise, como aconteceu no passado em outras crises hegemônicas.

Podemos ir mais longe nessa reflexão, pelo menos no que diz respeito ao nascimento de uma nova filosofia política. Se as perspectivas pós-modernas sustentam que esse período tem como característica a comunhão de saberes, onde a escolha de um conhecimento não significa

¹ Relativismo - Teoria filosófica segundo a qual o conhecimento humano não é um conhecimento absoluto das coisas, mas sim um conhecimento relativo à constituição do espírito e às relações do espírito com as coisas.

que outros conhecimentos devam ser invalidados ou esquecidos, pode surgir a partir daí, uma filosofia que, porventura, poderá dar conta de extinguir o sistema capitalista. Através dessa linha de pensamento, e levando em conta os conceitos que compõe a pós-modernidade, é interessante vislumbrar a constituição de uma nova hegemonia que tenha os ideais liberais ou socialistas em sua perspectiva.

No entanto, Freitas (2005) nos alerta que ao pregar o fim das metanarrativas, a proposta pós-moderna reduz as possibilidades de emergência de uma nova ordem social que siga a ideologia do socialismo (cujas teses combatem o capitalismo), fortalecendo a posição liberal. Tal fato se explica, pois a ausência de um consenso que permita articular as diferenças impede que movimentos sociais contestatórios se fortaleçam a ponto de lutar por um ideal. Diante da crise de hegemonia norte-americana, é esperado que dentro de algumas décadas surja um novo país que ocupará este lugar, mas diante da crise do capitalismo histórico, o lado positivo da modernidade almeja a emergência de uma nova ordem social. Mas, diante de todos esses argumentos existem autores que como Mészáros (2002), discordam da proposta de crise de hegemonia norte-americana, acreditando que configura-se somente uma intensa crise no sistema capitalista.

O fim das metanarrativas conseqüentemente acarreta uma grande dificuldade de articulação e crescimento de movimentos sociais, já que nega a capacidade de um consenso que articule as diferenças ideológicas. O consenso é tido como uma característica da manipulação do sistema, o que explica o declínio de todo relato de legitimação, tornando-o um valor ultrapassado, segundo Lyotard (2002). As teses pós-modernas tendem a concordar com os dissensos, pois o consenso oprime e é totalitário. Essa característica é bastante problemática, pois tendem a seccionar a percepção do mundo impedindo análises mais amplas.

O recuso aos grandes relatos está excluído; não seria o caso, portanto, de recorrer nem à dialética do Espírito nem mesmo à emancipação da humanidade para validação do discurso científico pós-moderno. Mas, (...) o "pequeno" relato continua a ser a forma por excelência usada pela invenção imaginativa e antes de tudo pela ciência. Por outro lado, o princípio do consenso como critério de validação também parece insuficiente. (LYOTARD, 2002 apud FREITAS, 2005, p.8)

As teses pós-modernas lidam com os conhecimentos de modo a transmitir a idéia de que tudo o que se constituiu até agora não é o suficiente, o que torna a contemporaneidade comprometida a pensar algo novo, nem que para isso tenha que reformular o antigo, como dissemos anteriormente. Esse quadro gera certo isolacionismo teórico sustentado pelo individualismo exacerbado, gerado não só pela ausência de um consenso, mas pela realidade incertas que o sustenta. Freitas (2005) diz que o dissenso radical acarreta certo conformismo-social, ou seja, leva os indivíduos a evitarem enfrentar o processo de construção da realidade. A justificativa para a inércia é ver estampado nos outros indivíduos a mesma situação que este vive. As organizações que poderiam lutar pela resistência encontram-se isoladas e sem rumo político o que conseqüentemente acarreta desesperança. O indivíduo pós-moderno tende a ficar paralisado em meio as situação que se configura diante de seus olhos, e percebendo esse fato Freitas acredita que:

Tal paralisação favoreceria a política da criação de uma era de incertezas por parte do capital, que com sua permanente ação de desconstrução gera no indivíduo um sentimento de impotência em relação ao futuro, com o conseqüente desânimo, diante de tais incertezas, para com as possibilidades de introduzir modificações nesse futuro, criando um campo favorável à manutenção do status quo, e alimentando a sensação de que não há alternativa senão viver o presente e deixar o futuro à sorte. (FREITAS, 2005, p.22)

Como vimos, o sistema capitalista contemporâneo transmite aos indivíduos que estes devem aproveitar a ótica do momento, o consumo, sanando suas necessidades momentâneas cedendo, assim, à lógica do mercado. Com a ajuda de Freitas (2005, p.56) percebemos que diante dessa circunstância os sujeitos não conseguem dar conta de perceber a coletividade diante de sua generalidade. As teses pós-modernas parecem sustentar o mesmo raciocínio, permitindo que o sujeito esteja imerso na crise preocupando-se somente com o presente e consigo mesmo, ignorando as coletividades e as metanarrativas. O que pretendemos deixar explícito com o que acabamos de dizer é que as teses pós-modernas ao desdenhar os discurso tendem a nos impedir de pensar no futuro. É preciso analisar a proposta pós-moderna tendo em mente a situação que se configura nesse início de século XXI, sobretudo a crise do capitalismo histórico, tomando muito cuidado para que os conceitos e emblemas dessas propostas não nos impeçam de pensar no futuro, já que a tendência deles é essa.

Quando começamos a falar sobre pós-modernidade, deixamos claro que uma tendência desse momento é dar tanta importância à subjetividade quanto à racionalidade, visando integrá-las. No entanto, essa meta não parece estar sendo posta em prática, já que parecem assumir uma postura subjetivista que chega a beirar o ceticismo, ao mesmo tempo em que pregam a ausência de um consenso geral e preferência por discursos locais, eles não se preocupam em perceber a realidade na constatação da verdade. O risco diante desse fato é de cair na ausência de uma verdade que dê conta de definir o mundo independente do sujeito, caso contrário, a verdade só seria encontrada quando se adequasse a um certo local ou crença. Freitas (2005, p.63) esclarece esse fato na passagem: "... o pós-modernismo abala a sua capacidade de explicar historicamente fatos sociais e termina caindo no empirismo radical dos positivistas², já que os fatos são arrancados de seu contexto vivo para serem compreendidos apenas em isolamento".

O que vimos emergir na contemporaneidade, do ponto de vista dos pós-modernistas, é um esvaziamento das metanarrativas na mesma medida que se dá, também, o esgotamento do sujeito (que passa a limitar-se somente nas necessidades do presente), fato que colabora para a ênfase das incertezas atuais. Diante disso, é perceptível que uma característica do pensamento pós-moderno é trazer à tona questionamento entre identitário (unidade) e diferente (diversidade), ressaltando o antagonismo entre essas duas diante das relações capitalistas. Para os pós-modernistas o mero reconhecimento do diferente é suficiente, fato que conduz a uma fragmentação, pois não há um diálogo entre as diferenças, ela passa a ser uma estratégia de consumo. Bauman, citado por Freitas (2005, p. 85) diz que a pós-modernidade, por possuir uma sociedade baseada na ética do consumo não leva em consideração a identidade pessoal do sujeito classificando-a como vulnerável e que tende a privilegiar o presente momento. Uma sociedade do consumo não leva em conta a coletividade, assim, a característica marcante dos sujeitos contemporâneos é a individualidade, já que o consumo é uma atividade privada. É uma sociedade composta por indivíduos que não se apegam às coisas estão e pouco firmam acordos, pois as regras do consumo não permitem.

² Positivismo - Teoria filosófica que surgiu na época do Iluminismo, que segundo seu idealizador Auguste Comte, propõe a existência humana valores completamente humanos, afastando tudo que é metafísico ou sobrenatural. Na contemporaneidade, o positivismo associa a classificação do conhecimento e a interpretação da ciência a uma ética humana.

Com o que expusemos até aqui percebemos que é possível dizer que a fase do capitalismo em que vivemos (a financeirização do capital), com a circulação do capital em redes de agregação de valor que fluem flexivelmente baseando-se no consumo, fazem com que a contemporaneidade seja marcada pela insegurança, pela imprevisibilidade em relação ao futuro, fato que define a pós-modernidade. As redes de agregação são sustentadas por indivíduos conectados, mas ao mesmo tempo, separados por suas diferenças, o que faz emergir o individualismo. A individualidade pode ser entendida como uma fuga das incertezas, onde ao voltar-se para si mesmo o indivíduo busca um refúgio. Bauman (2000, p.84) dizia que a condição pós-moderna não proporcionou maior liberdade para os indivíduos, mas fez com que este passasse de cidadão político a consumidor de mercado.

Diante do que vimos falando e à luz de Freitas (2005) é possível dizer que os pós-modernistas, ao enfatizarem o fim das metanarrativas, acabam colocando os indivíduos numa posição mais confortável ao se deparar com as desigualdades sociais, vistas como diferenças. Diante da circunstância descrita, é possível dizer que cada indivíduo é livre para demonstrar sua concepção e posicionamento diante das diferenças de classe. A ausência de uma teoria que diga o que devem fazer, como devem agir diante da realidade, faz com que os sujeitos olhem as diferenças dos outros de longe, livres para se relacionar com elas ou não. A passagem de Freitas reitera o que dissemos:

Assim, nos libertamos da desconfortável coerência entre o que pensamos e as nossas ações concretas. Podemos continuar a denunciar a miséria em nossos confortáveis gabinetes de trabalho ou em outras “atividades nobres” de contestação, agora sem conflitos pessoais. Nesse sentido, as metanarrativas são vistas como um nós repressor que incomoda consciências individuais e que necessitam ser negadas. (FREITAS, 2005, p. 100).

Depois de uma breve descrição do quadro que se configura na contemporaneidade, e de levantarmos alguns fatores que parecem detectar a entrada numa nova fase histórica, a pós-modernidade, não podemos afirmar, definitivamente, se já estamos vivendo nesse novo período. Podemos estar simplesmente vivendo um período de derrocada do capitalismo histórico, assim como o esgotamento da filosofia política liberal.

Vislumbramos que o novo período histórico que está emergindo, a pós-modernidade, dê conta de pensar em uma nova ciência e de uma nova ordem social que possa, enfim, superar o capitalismo. Não pretendemos nos deparar com uma pós-modernidade acrítica e metafórica, mas com um período histórico onde será possível reconstruir as esperanças atualmente perdidas e, retomar os valores universais de libertação e emancipação humana. Isso se optamos, segundo Freitas (2005, p.104), por entendermos a pós-modernidade através do viés da modernidade da libertação, onde não será mais possível enxergar o ser humano como mercadoria. Talvez seja preciso encontrar um novo modo de lidar com a realidade pessoal e coletiva, mas que reconheça a importância do indivíduo para sociedade, fazendo das diferenças, particularidades que fortalecem o indivíduo no meio coletivo e permita que estas unam forças em prol da construção de uma nova ordem social.

Capítulo 2:

Contemporaneidade e Educação. Qual a educação ideal para atender as necessidades do indivíduo contemporâneo?

O que fizemos até aqui foi tentar compreender o período histórico em que vivemos, e para isso foi necessário que levantássemos um pouco do passado, da mesma forma como enfatizamos os quesitos característicos da atualidade. Tudo isso foi feito não só para contextualizar o que nomeamos de contemporaneidade, mas também para que tivéssemos clareza ao analisar a configuração social que se faz presente em nossos dias, assim como encontrar explicações plausíveis que justifiquem a grande desesperança e incertezas que vimos emergir nos últimos tempos. Uma citação de Sacristán (2000, p.38) é interessante para justificar o que temos feito para compreender o presente e vislumbrar o futuro: "... construir o futuro, no sentido de prevê-lo e de querer que seja um e não outro, só é possível a partir dos significados que as imagens do passado e do presente oferecem-nos".

Sabemos que para que tenhamos um futuro digno não podemos deixar que certos valores se percam na pós-modernidade. Não podemos nos deixar levar por uma posição acrítica e inerte, mas devemos passar a colocar em prática táticas que resgatem os valores universais de emancipação e libertação humana. Pensando nisso, a educação não pode, e não deixará de ser um fator que merecerá nossa atenção aqui. Sendo a educação um projeto tanto do imaginário individual quanto do coletivo, são esses dois fatores que configuram e dão força a uma projeção futura. Refletir sobre educação, tendo em vista o passado e o presente será imprescindível para que percebamos onde estamos e para onde caminharemos. Evidentemente, faz-se necessário na pós-modernidade que superemos a percepção do sujeito como mera mercadoria, conforme mencionamos há pouco, mas que reconheçamos o papel social de cada indivíduo no meio em que este se encontra.

Torna-se imprescindível, também, que a pós-modernidade possa proporcionar a conciliação entre indivíduo e coletividade, ainda que as evidências apontem que este fato pareça contraditório na contemporaneidade. Supomos que a educação possa ser um dos caminhos que, dependendo de como esta se estabeleça, possa ser o viés conciliatório entre as particularidades do

indivíduo e sua função social na coletividade. Nesse sentido, pensando em uma pós-modernidade de libertação, que concepção de Educação poderia lhe ser mais favorável? É de extrema relevância que nos empenhemos aqui em responder essa questão, principalmente por acreditarmos que a educação é meio capaz de proporcionar a evolução do indivíduo através do poder de superação de si mesmo. E, por compreender que a educação pode ser considerada um fator que proporciona mudanças tentaremos, de forma geral, levantar alguns pontos importantes da educação na perspectiva moderna, em nossos dias, e por fim, vislumbrar que educação atenderia as necessidades do indivíduo contemporâneo.

2.1 Um olhar sobre a educação na modernidade

Não é novidade para nós que a modernidade foi palco para muitas descobertas científicas e tecnológicas. Foi, também, um período marcado pela utopia de alcançar a emancipação humana. Nessa perspectiva, tanto a família quanto as paixões humanas impunham ao indivíduo uma visão estreita e irracional. Somente a educação poderia libertar o indivíduo de todo o dogmatismo e de tudo que é contrário à razão. A educação seria a ruptura com o meio de origem e o caminho para alcançar o progresso. E, mesmo que a modernidade racionalista tenha tentado manter a união entre sujeito e sociedade, ao lutar pelo triunfo da razão e da ciência, acabou renunciando à idéia de sujeito, e conseqüentemente, aos sentimentos e à imaginação dos indivíduos.

Diante desse fato, a escola seria o lugar onde os valores universais de verdade, do bom e do belo deveriam ser transmitidos do professor, o detentor do saber, às crianças, até então, indivíduos sem luz. A educação era concebida como socialização, e com isso o aluno era repreendido com castigos ou recompensado através de estímulos ou gratificações. Cabia à escola não só introduzir o pensamento racional, mas as regras da vida em sociedade, desse modo, o aluno tendia a aprender a dominar-se, tendo sua personalidade individual ofuscada pelas regras da moral e do dever.

A escola moderna tradicional era o lugar de racionalização instrumental, onde o mundo em que a criança e suas famílias estavam inseridas não era levado em consideração. E mais do que tudo, a escola não era o local que proporcionava liberdade aos alunos, nem de pensamento e tão pouco de expressão. Essa educação deveria ensinar a ver o mundo da maneira socialmente aceita, ao mesmo tempo em fazia o possível para que a ideologia dominante permanecesse intacta. A formação educacional deveria estar de acordo com as necessidades da sociedade: os mais favorecidos deveriam ser educados para ocupar cargos de gestão social; e os menos favorecidos deveriam estar aptos e conformados em ocupar os cargos que requeriam trabalho braçal.

Logo se vê que a educação tradicional dissemina a desigualdade social, infelizmente imutável e inevitável diante dessa perspectiva, pois faz com que todos os indivíduos de uma sociedade, sejam eles ricos ou pobres, se conformem com as circunstâncias ao mesmo tempo em que colaboram para a segurança do sistema social. Essa educação não ensinava o indivíduo a pensar, mas estava baseada em pressupostos falsos, transmitindo ao sujeito uma visão de mundo onde tudo está pronto, acabado. Gallo (2002, p.19), através de sua visão libertária de educação, fazia a seguinte crítica à educação tradicional (burguesa): "... não se ensinava a conhecer o mundo, conhecimento este que dava a segurança de viver num mundo sem mistérios, mas que levava ao medo do risco, à morte da criatividade, da originalidade, da liberdade...".

É evidente que a educação à qual vimos nos referindo é aquela que se encaixa em uma sociedade capitalista, que tem como base a exploração de grande parcela da sociedade, enquanto a minoria detém poder, aí entendido não só como riqueza, mas também conhecimento. Numa sociedade configurada dessa maneira, tanto a maioria explorada quanto a minoria detentora de poder encontram-se presos a tal imutabilidade do sistema, como a pouco falamos. A educação deveria ser aquela que livraria os sujeitos da condição alienante imposta por esse sistema, dando formas para que estes lutassem por sua liberdade. Gallo (2002) ao citar Bakunin, ressaltam que numa sociedade capitalista o homem nunca poderá ser livre, pois esta é uma sociedade de exploração. Quando o homem é explorado ele não na livre, o homem só será livre quando puder desenvolver livremente todas as suas faculdades. Obviamente, a educação é um dos caminhos

que a sociedade tem para cumprir a missão de desalienação, para que os indivíduos que a compõem sejam verdadeiramente livres e para que assim, a educação cumpra o seu papel.

Gallo (2002) ao tentar apontar os verdadeiros objetivos do ato educativo cita o filósofo Herbert Read, quando este coloca que existem duas possibilidades quanto aos objetivos da educação: a de que o indivíduo deve ser educado para ser aquilo que ele realmente é, e nesse caso a sociedade seria a expressão dos indivíduos que a compõem; ou que o indivíduo pode ser educado para ser aquilo que ele não é, assumindo para si a expressão dada pela sociedade. É importante que percebamos esse ponto, pois, ainda que não declaradamente, a educação tradicional sempre educou o indivíduo para ser aquilo que ele não era, para que se dobrasse diante das regras do sistema. Este autor ainda acrescenta:

...todos os indivíduos nascem com uma série de possibilidades e a educação ou será organizada de modo a fazer aflorar e atualizar tais potenciais, harmonizando-as, ou então está preparada para selecionar quais dessas possibilidades devem ser atualizadas e quais devem ser extirpadas, de acordo com o modelo de indivíduo que aquela sociedade em questão concebe (GALLO, 2002, p.20).

Se observarmos bem, é esta educação tradicional que sustenta capitalismo e que, assim como o próprio sistema, disseminar desigualdades e forma sujeitos alienados. Privilegia uns enquanto explora outros, e nessa dinâmica aprisiona toda uma sociedade. Obviamente, essa organização é a responsável pelo tão longo sucesso capitalista, pois se todos recebessem o mesmo tipo de educação, os trabalhadores não seriam mais submissos à dominação daqueles que detém o poder. Mais uma vez convém citar Gallo (2002), quando este se refere à concepção de Proudhon sobre a educação oferecida pela burguesia:

... a função da educação é formar o homem segundo os interesses sociais. Não se pode esperar, portanto, que uma sociedade possa oferecer uma educação que forme homens que venham mais tarde a questioná-la, e mesmo destruí-la, minando suas bases político-econômico-sociais (GALLO, 2002, p.23).

O que temos visto até aqui, senão uma educação que dá espaço para que as injustiças sociais e a estrutura de classes se estabeleçam fortemente em meio à sociedade? O conhecimento não é só a base do domínio econômico, mas ocupa o lugar, de aparato do poder. E como superar

essa situação, se a grande maioria da população encontra-se mergulhada na ignorância, e que por tal motivo não possuem armas para se organizarem em prol da conquista de seus direitos, direitos esses que nem sabem quais são, não porque optaram por ignorá-los, mas porque não tiveram acesso a esse conhecimento. O sistema está tão firmemente amparado por tais disparidades, que as desigualdades existentes, vistas por aqueles que conseguem enxergá-las, são tidas como naturais. Essa naturalidade com que são vistas as desigualdades é justificada dentro da perspectiva que prefere aceitar o homem como um produto natural, do que como um produto social e com isso, concordamos que: "... se a desigualdade é natural, estamos condenados a elas; mas se é social, podemos transformar a sociedade, proporcionando uma vida mais justa para seus membros" (GALLO, 2002, p. 28).

É importante ressaltar que apesar da escola ter aderido ao modelo pedagógico que temos comentado aqui, não se pode ignorar, ou mesmo deixar de comentar que a ideologia pedagógica mudou muito devido às influências das correntes de pensamento psicanalítico, humanista e institucional. Essas correntes de pensamento dotadas de inúmeras características, que não teremos tempo de comentar aqui, em sua maioria fazem referência ao sujeito. Se alguma das inúmeras tendências educacionais que surgiram no período moderno tivesse conseguido realmente adentrar a cultura escolar, a realidade que temos hoje poderia ser muito diferente. Mas, apesar de sofrer influências de várias tendências, nas salas de aula, até hoje, é possível destacar fatores que nos fazem lembrar uma perspectiva tradicionalista, mesmo depois de tantas tentativas de se estabelecer uma prática pedagógica que levasse em conta o aluno, seus conhecimentos e necessidades, conforme as proposta da Escola Nova e das correntes progressistas. Segundo Pourtois e Desmet:

... a escola se inscreveu claramente (e continua a se inscrever amplamente) nessa orientação positiva: aprendizagem do pensamento racional, resistência à noção de desejo e de prazer, rejeição da imaginação, horários rígidos e repartidos, alinhamento das carteiras... (POURTOIS; DESMET, 1999, p.28)

A escola era o lugar de racionalização instrumental e a família por muito tempo apoiou essa forma de educar, já que era caracterizada pela repetição dos papéis masculinos e femininos, guiada pela autoridade patriarcal. Em meados de 1970, com o surgimento de uma geração que reivindicava mais liberdade, os pais começaram a esperar que a escola passasse a permitir

algumas regalias que antes eram inimagináveis, tais como: o direito à palavra, as trocas, a comunicação, uma dose de tolerância. A partir desse momento passou a existir uma certa democracia social. No entanto, essas mudanças de percepção não significaram que haveria flexibilidade no que se refere à escolaridade, nem por parte da escola e nem pela família. De forma geral, a escola se focou na formação instrumental do aluno, fazendo com que as noções de afetividade, as relações interpessoais, de desenvolvimento cognitivo, de uma formação comprometida com o papel social do sujeito, mesmo que sempre fossem requeridos no ambiente escolar, acabassem ofuscadas, ficando em segundo plano, já que maior atenção era dada à transmissão de conhecimento do professor para o aluno.

As instituições escolares sempre tiveram dificuldade de integrar em seus projetos as dimensões sociais, econômicas, culturais, psicopedagógicas. A integração entre a escola e alguns profissionais que deveriam estabelecer um trabalho de grande valia para as relações e questões cotidianas do corpo institucional, como psicólogos, fonoaudiólogos, psicopedagogos, ainda mantém uma relação muito estreita com as escolas. O grande enfoque ainda está voltado para a dimensão instrumental da educação, ou seja, para as matérias de ensino, avaliação, disciplina. Sabemos que a escola ainda está “presa” no limite da aquisição de saberes fragmentados, ou seja, a noção de disciplina ainda está enraizada, mesmo que, nos últimos tempos tenha se falado em intedisciplinaridade.

Então para que possamos perceber a configuração contemporânea educacional, é interessante que tenhamos em mente algumas imagens do passado, da educação moderna. Não podemos esquecer, então, que a sociedade racional moderna pregava a separação entre o mundo objetivo (racional) e o mundo subjetivo (centrado na pessoa). A partir dessa perspectiva moderna, esperamos que tenha ficado claro em nossa breve recapitulação, que a educação moderna emergiu como uma possibilidade de libertação da visão restrita e irracional do sujeito que, até então, deixava-se dominar pelas paixões e pela família. A sede de fazer com que a ciência e a razão triunfassem, fez com que renunciasse à idéia de sujeito, fazendo com que estes se reprimissem. O que queremos a partir de agora é perceber o que está mudando na sociedade contemporânea: será que novas formas de se educar estão sendo requeridas depois de tanto tempo de “mesmice”? É o que veremos a seguir.

Mas se podemos citar ainda um último detalhe, antes de comentarmos a educação contemporânea, acredito que seja necessário ressaltar que a função educativa está para além das fronteiras escolares, sendo um papel, também da sociedade e da cultura em que estão inseridos os indivíduos. Então, sabemos que tanto o indivíduo que aprende e o que educa vivem uma situação de interação constante em contextos de lugar e tempos variados. E, à luz de Durkheim, citado por Brandão (1981), compreendemos o que ocorreu com a educação na modernidade, e que possivelmente na pós-modernidade veremos emergir uma nova configuração educacional:

Na verdade, porém, cada sociedade, considerada em momento determinado de seu desenvolvimento, possui um sistema de educação que se impõe aos indivíduos de modo geralmente irresistível. É uma ilusão acreditar que podemos educar nossos filhos como queremos... Há, pois, a cada momento, um tipo regulador de educação do qual não nos podemos separar sem vivas resistências, e que restringem as velocidades dos dissidentes (DURKHEIM, 1975 apud BRANDÃO, 2003, p.76).

2.2 Educação na pós-modernidade, o que muda?

Como vimos, a contemporaneidade desvenda um novo contexto social, aonde múltiplos quesitos vêm influenciar a vida da sociedade contemporânea, fazendo com que este período possua aspectos diferentes da modernidade. Rupturas, crises, incertezas, desesperanças e a busca pela conciliação entre racionalidade e subjetividade, até o momento, parecem ser uma motivação pós-moderna. Dessa forma, novos requisitos passam a serem exigidos do sujeito, que dão início a uma busca por excelência, qualidade total, desempenho impecável. É aí que emerge a necessidade de uma reflexão sobre o agir pedagógico e sobre os objetivos da educação, para que esta dê conta de formar o indivíduo para lidar com as novas relações e configuração social que já começam a dar seus primeiros sinais.

Diante de uma contemporaneidade caracterizada pela exaltação da mudança, pela falta de referências, pela perda de sentido e certezas, a educação que atende as necessidades dos indivíduos é aquela que supera o desafio de dar as respostas que adultos e crianças precisam. Cabe à educação encontrar um princípio integrador para este mundo fragmentado, que possui

uma multiplicidade de ideologias contrárias e valores opostos. A educação na pós-modernidade vai exigir que não só a escola, mas a família e a sociedade venham a cumprir seu papel de transmitir valores, normas, saberes, e, sobretudo, formar o sujeito individual e coletivamente.

Temos visto que a contemporaneidade tem aberto espaço para que adultos e crianças tenham que enfrentar intensas pressões para que consigam viver da melhor forma se adaptando as exigências dessa sociedade que está em busca de novas conquistas. Quando pensarmos numa educação para a pós-modernidade, não se busca encontrar a receita pronta de uma prática pedagógica que dê conta de formar o indivíduo que está inserido nessa sociedade de mudança. Mas, é necessário pensar num conjunto de ordem afetiva, cognitiva, social e ética, já que são estes os quesitos que fundamentam o ato educativo. Logo, para que a educação pós-moderna cumpra o objetivo a que se propõe, esta deve levar em conta racionalidade e subjetividade. Assim, vale a pena citar Pourtois e Desmet quando dizem que:

A prática pedagógica é uma construção que se elabora permanentemente dentro de uma perspectiva de desenvolvimento do indivíduo e de respeito pelos outros e pelo meio, ou, em outros termos, de acordo com um objetivo de psicologização e de socialização (POURTOIS; DESMET, 1999, p.11).

Educar não é e nunca foi uma tarefa simples, e isso perdurará também na pós-modernidade, pois nesta fase existem ainda mais fatores que farão do ato educativo uma tarefa árdua. A contemporaneidade emergiu com muitos conflitos para serem esclarecidos e definidos, e no campo educacional as questões não são de fácil conciliação. Pourtois e Desmet apontam algumas das questões educacionais que, apesar de não serem exatamente novas, tornam-se mais evidentes na contemporaneidade:

... deve-se educar o sujeito para afirmar profundamente sua própria liberdade ou, ao contrário, para que aja em conformidade com o grupo social a que pertence? Deve-se visar a emancipação do indivíduo ou a sua integração social? Fabricar um homem livre (e individualista) ou um homem social? (POURTOIS; DESMET, 1999, p.11)

Obviamente estas não são as únicas questões da educação contemporânea, mas cabe adiantar que na contemporaneidade, e daqui por diante, dificilmente se conseguirá encontrar um modelo educacional único, pois a pós-modernidade rejeita o pensamento unívoco. Logo,

seguindo a perspectiva pós-moderna, a melhor resposta para as perguntas acima seria aquela que tende a encontrar o meio termo das questões propostas. Ou seja, deve-se formar um sujeito que ao mesmo tempo em que é livre, vive em conformidade com seu grupo; que mesmo integrado em seu grupo, não deixe de se emancipar; que seja ao mesmo tempo um homem livre e social.

No entanto, sabemos que a tendência pós-modernista aposta no dissenso, o que acarreta, conseqüentemente, grandes dificuldades de articular grupos, de integrar idéias, reforçando o individualismo. Freitas (2005, p. 107) faz a seguinte reflexão diante do quadro que se configura na contemporaneidade: “Penso, portanto que será necessário recuperar valores universais de libertação e emancipação humana que nos unam e nos dêem horizontes e forças para lutar por outra ordem social”. E, para isso é necessário que vislumbremos uma pós-modernidade de libertação, daí a importância de se pensar numa educação que consiga auxiliar nessa empreitada.

Fazer uma reflexão sobre a educação que melhor atenderia as necessidades do indivíduo contemporâneo é fundamental diante da evidência de um novo contexto social, onde emerge um fato que paradoxalmente marca a atualidade: o aumento da riqueza e do desempenho global diante da grande exclusão e pauperização de muitos. No início desse trabalho, quando fizemos uma breve análise dos aspectos gerais da pós-modernidade para depois enfatizarmos a educação, foi porque acreditamos que o ato educativo está diretamente ligado à sociedade e, conseqüentemente, à cultura. Vimos que a configuração atual do capitalismo transforma tudo em mercadoria, até o indivíduo. Portanto, mais do nunca é a hora de se reconhecer que assim como a sociedade enfrenta um momento de grande mudança, há de se reconhecer, também, que a educação atual está em crise.

A contemporaneidade sofre as conseqüências do que foi gerado na modernidade, e um dos fatores que tem representado um grande desafio é o processo de desinserção social de uma parcela considerável da sociedade. Sociedade esta que se organiza através de um modelo gerencial, de uma ideologia gestatória que exige que os sujeitos se adaptem a essa situação, que demonstrem mobilidade, flexibilidade, entre outros fatores. Esse grande problema envolve toda a dinâmica da sociedade, pois representa um desafio econômico, social e psicológico que precisa ser resolvido. Podemos até nos questionar a respeito da desinserção representar um desafio

psicológico, mas esse é facilmente explicado, já que despertam no indivíduo os sentimentos de inutilidade, de vergonha da condição em que se encontra, do desânimo de sentir que não é um cidadão por completo.

A educação contemporânea tem que formar indivíduos livres, criadores, responsáveis, com uma auto-imagem positiva, com consciência de si e de seu papel social, visando construir uma sociedade onde cada um ocupe o lugar independentemente de sua origem ou cultura. Devemos concordar com Pourtois e Desmet (1999) quando estes ressaltam que há se refletir continuamente sobre os valores que compõem a realidade educativa, e mais:

O ato educativo resulta de um conjunto de objetivos oriundos de opções culturais ideológicas. Ora, estas são sempre mais diversificadas e confrontadas a correntes ideológicas múltiplas... Desenvolver a humanidade em cada ser humano, eis o objetivo complexo que a família, a escola e a sociedade devem ter em vista hoje. (POURTOIS; DESMET, 1999, p.12)

Como há tempos já sabemos, a educação não pode limitar-se à dimensão escolar, principalmente diante do novo contexto social que a pós-modernidade deveria encarregar-se de formar. Não estamos falando aqui que todos os problemas sociais serão resolvidos facilmente, nem tão pouco que a educação é o único veículo a proporcionar a transformação social, pois sabemos que inúmeros fatores estão envolvidos nesse contexto. O que enfatizamos é que a função educativa passar a exercer grande importância na formação de uma nova sociedade, uma vez que tem como meta formar sujeitos considerando os diversos aspectos que o compõe, a fim de estes possuam uma identidade sólida, mesmo que se encontrem em situação difícil. Pelo que temos visto, pensar a educação na contemporaneidade significa preocupar-se com o sujeito como um todo, e Charlot (1995) reitera o que afirmamos:

Pensar a educação, hoje, é estar confrontando desafios ao mesmo tempo psicológicos, culturais, econômicos, sociais, simbólicos cujos componentes são plurais e muitas vezes contraditórios, a finalidade derradeira sendo a busca das formas da liberdade, igualdade, da solidariedade, do bem-estar na sociedade moderna pós-industrial (apud POURTOIS; DESMET, 1999, p.15)

Tão importante quanto perceber a educação em seu aspecto macro, ou seja, as questões sociológicas, éticas, psicológicas do ato educativo faz-se de extrema relevância uma reflexão

sobre os métodos e a didática que fazem parte do dia-a-dia de professores e alunos. Esses métodos e prática devem estar diretamente ligados às necessidades do aluno, considerando seus aspectos afetivos, cognitivos, social e ético. Será preciso revisar uma ou mais correntes de pensamento que melhor se enquadrem no que é imprescindível para a formação do indivíduo contemporâneo. Indagamos, somente, como isso se dará, uma vez que a perspectiva pós-moderna, conforme vimos, tem dificuldade de integrar idéias, rejeitando os consensos. Então, como pensar na educação ideal para o indivíduo pós-moderno? Integrando saberes? Integrando metodologias? Recapitulando algumas tendências educacionais modernas e conciliando-as?

Sabemos, no entanto, que a educação pós-moderna tende a perseverar sobre a defesa do sujeito, deixando de se restringir somente às áreas de utilidade e abrindo-se para a multiplicação e articulação de conhecimento, conciliando opiniões, atuando sobre as atitudes e personalidade dos indivíduos, dando importância ao mundo dos valores. A função da escola não será pura e simplesmente formar o indivíduo conforme a cultura escolar ou prepará-lo para um emprego, é mais que isso. Conforme enfatizam Pourtois e Desmet (1999, p.38) a pedagogia pós-moderna ao propor a articulação entre racionalização e a subjetivação, inscreve em seu cerne a incerteza quanto ao procedimento a ser adotado. Mas, entretanto, se sabe que a escola deverá ser um ambiente integrador, onde não haverá espaço para normas inflexíveis ou discursos de conveniência.

A educação na pós-modernidade tende a levar em conta as diferentes teorias e práticas educativas, abrindo espaço a um pensamento plural. Não se tem o objetivo de substituir as pedagogias já existentes por uma nova, que se encaixe perfeitamente a todos os sujeitos e a todas as circunstâncias. A pretensão da educação pós-moderna é fazer com que as particularidades sejam consideradas, inclusive no que diz respeito aos aspectos que a constituem, para que se possa, então, acabar com as relações de dominação. É um processo que questionará o que tínhamos como "certezas", pois nos fará enxergar as contradições fundadoras do ato educativo. Em outras palavras, a educação pós-moderna tem na complexidade das situações educativas a força motivadora para que a escola venha a ser questionada e, enfim, possa mudar. Assim, Pourtois e Desmet dizem:

A pedagogia será pós-moderna quando deixar de ver seus mestres identificar-se com um modelo particular e permitir o diálogo fecundo entre suas diversas orientações de pensamento... Isso requer criação permanente. A pedagogia é construção humana e dinâmica que se elabora permanentemente. Não constitui um capital acumulado de uma vez por todas que é preciso defender; elabora a partir de suas aquisições, mas continua a desenvolver graças a inovações permanentes que se integram à lógica existente e a levam, cada vez, a revestir-se de nova originalidade (1999, p.41).

A educação pós-moderna faz-nos entrar no campo da complexidade, ao erguer como pilares que a sustentam tanto os pontos que emanam do mundo vivido pelo sujeito (subjetividade), quanto os pontos que retratam tudo que é exterior ao sujeito (racionalização). Desta forma, abre-se espaço para a construção de uma nova produção, que rejeita todo o totalitarismo imposto por uma educação tradicionalista (“fechada”) e que pense nas contradições existentes no ato educativo. É preciso pensar a educação através de um pensamento plural e integrador, tornando o ato educativo uma realidade evolutiva e dinâmica. Conseqüentemente, se os objetivos supracitados forem postos em prática, se atingirá o objetivo que almejamos para a educação pós-moderna: a conscientização dos sujeitos. E, desta forma, estaremos construindo uma pós-modernidade de libertação, acreditamos.

A contemporaneidade, por ser palco de ideologias contraditórias e de uma gama de valores opostos, faz com que os indivíduos encarem uma busca por sua identidade. Esta é mais uma questão que deve ser pensada pela escola, em prol da construção de uma identidade sólida para os sujeitos que se propõem formar. A sociedade, a família e a escola têm hoje a função de formar o sujeito individual e coletivo, o que requer que a identidade do indivíduo seja construída de forma heterogênea, tendo sido desenvolvidas dimensões indispensáveis para o desenvolvimento harmonioso do indivíduo: social, ideológica, afetiva e cognitiva. Tais aspectos englobam tanto a dimensão do sujeito quanto a racionalidade.

Pourtois e Desmet (1999, p. 45), ao comentarem os aspectos relevantes para a construção da identidade dos indivíduos, e pensando em tornar esses aspectos mais facilmente abordados na prática pedagógicas dos docentes incumbidos de favorecerem o desenvolvimento dos sujeitos, apontam algumas necessidades relativas às dimensões destacadas. Assim, a dimensão social está ligada à busca de autonomia; a ideológica refere-se à busca de valores, o Bom/ o Bem, o

Verdadeiro e o Belo; a afetiva está ligada à necessidade de aceitação, de apego, de construção de laço; e, por fim a dimensão cognitiva está ligada à experimentação ao estímulo, ligada a necessidade de realização.

Os valores universais citados na dimensão ideológica estão diretamente ligados tanto à questão do progresso da humanidade quanto à felicidade dos homens. O “bom” está relacionado à ética e o “bem” à moral. Uma educação que trabalhe estes valores está dedicada a promover o desenvolvimento do indivíduo e permitir que este esteja preparado para lidar com os conflitos e problemas, ao mesmo tempo em que contribuem para a construção de uma sociedade democrática. Já o “verdadeiro”, ao que se refere à educação, vem em busca de um movimento no sentido de verdade, ainda que a educação pós-moderna esteja ligada às incertezas do conhecimento. Mesmo assim, o “verdadeiro” estará ligado às estratégias que devem ser articuladas para promover o desenvolvimento e, conseqüentemente, tornar os indivíduos aptos para enfrentar as incertezas típicas da pós-modernidade. O belo, ligado ao valor da estética, vem lembrar que a escola deve educar para ouvir e olhar de forma admirável a alteridade e a diversidade cultural. Desta forma, o belo, que pode ser entendido como fonte de prazer, alegria e admiração torna-se um fator edificante para o desenvolvimento do indivíduo.

A incerteza pós-moderna não deixará, também, de fazer parte da realidade educacional, manifestando-se na realização de situações não programadas, na percepção de novas qualidades, no método de projetos, na subjetivação do aluno. O professor deverá ter atenção especial nas situações de aprendizagem, refletir sobre sua prática, e se necessário, pensar sobre novas práticas, ou seja, é um momento propício a fazer escolhas. Na educação pós-moderna não há mais como limitar-se a simples transmissão de saber, o que faz com que o professor saia em busca de referências para implementar sua ação educativa. E, para isso, cabe a estes libertarem-se da pedagogia de base marcada pelos hábitos e valores que foram constituídos aos poucos, mesmo quando estes ainda eram alunos. Por isso, Pourtois e Desmet (1999, p. 291) enfatizam que para que se possa progredir é preciso que se desvincule das representações que compõe o nosso agir pedagógico, permitindo que assim nos livremos de modelos de base e da tendência de evoluir naturalmente.

O que procuramos dizer aqui é que a pós-modernidade exigirá que os docentes mudem sua identidade pedagógica, mas aproveitem os valores do bem, verdadeiro e belo (moral, verdade, admiração) que impregnam sua pedagogia de base e, a partir de uma reflexão crítica de sua prática possam identificar a melhor maneira de educar o sujeito contemporâneo. Deve-se levar em consideração que para que possamos ter uma pós-modernidade de libertação, será necessário que a educação colabore para reanimar o desejo de inserção, de participação ativa, de cidadania, de socialização positiva, quesito que a modernidade deu conta de colocar em risco. Assim, acreditamos que para pensar numa educação para a pós-modernidade e nas práticas pedagógicas que devemos adotar é bom que tenhamos em mente que:

O modelo pedagógico pós-moderno deverá ser um sistema complexo que leve em conta as dimensões afetiva, cognitiva, social e ética do indivíduo, assim, como os conflitos inerentes aos desafios culturais e a suas negociações. Favorecerá uma diversificação das finalidades para que “após o ser instruído se chegue ao ser educado” (LENGENDRE, 1983). Em outros termos, já é tempo de a escola transforma-se em um lugar de instrução e de educação. Esses dois objetivos complementares e indispensáveis darão novamente sentido e riqueza ao ato pedagógico. (POURTOIS; DESMET, 1999, p.39).

Pensar a educação na contemporaneidade é ter a condição humana como objeto essencial de estudo, é perceber que para que haja um verdadeiro desenvolvimento do indivíduo há de se levar em conta suas diversas dimensões, considerando que este possui uma identidade complexa e ao mesmo tempo uma identidade comum a todos os indivíduos, como diz Morin (2000). Este autor ainda enfatiza que: “A educação só pode ser viável se for uma educação integral que se dirija à totalidade aberta do ser humano e não apenas a um de seus componentes” (MORIN, 2000, p. 11). É a partir daí que voltamos o nosso pensamento para encontrar, depois de tudo o que já colocamos até aqui, a resposta para a grande questão motivadora para deste estudo: considerando a contemporaneidade, qual a educação ideal e para qual sujeito? Eis que já temos alguns quesitos para compor essa resposta, mas não antes de conhecer um pouco melhor a educação integral e ver se esta realmente é o melhor caminho para educar o indivíduo pós-moderno.

2.3 Seria a Educação Integral o meio ideal de formar o indivíduo pós-moderno?

Para que possamos defender a Educação Integral como a ideal para formar os sujeitos contemporâneos, temos que conhecê-la bem e saber quais são os seus princípios, como ela nasceu e quem foram seus principais idealizadores, além de perceber o que é necessário para implantá-la e fazer com que esta realmente funcione.

O conceito de Educação Integral nasceu em plena modernidade, em meio ao desejo de se alcançar a emancipação humana, diante da emergência de conquistas científicas e tecnológicas, e intenções de revoluções sociais que dessem fim a exploração causada pela dominação capitalista. Seus princípios foram sendo desenvolvidos no seio do movimento operário. Diante disso, várias correntes do pensamento educacional interessaram-se pelos princípios da educação integral e, a partir daí interpretaram-na de diferentes formas. Como diz Gallo (2002, p.13), os ecos da educação integral atingiram de reformistas católicos a socialistas anticlericais, tamanho foi o raio que esta atingiu. Evidentemente, não poderemos identificar aqui todas as interpretações dadas à educação integral, mas é inevitável que não deixemos de comentar algumas, sobretudo a anarquista.

Pensadores do movimento anarquista como Bakunin, Proudhon, Malatesta, Kropotkin; e educadores libertários como Paul Robin, Ferrer y Guàrdia, entre outros, foram os responsáveis pela formulação das bases teóricas e práticas da educação integral. O movimento anarquista que tinha como pressupostos políticos mais característicos a igualdade e a liberdade, idealizavam também propostas para o campo educacional. Fazia dura crítica à educação burguesa, defendendo uma educação para a liberdade. E, por verem na liberdade o princípio básico de vivência social, a educação anarquista era também chamada de educação libertária. Os anarquistas, baseando-se em princípios políticos emancipadores, defendiam plenamente a educação integral, conforme diz Gallo ao se referir ao pensamento de Bakunin:

... para que uma pessoa possa assumir sua liberdade é necessário que ela se conheça, se conheça por inteiro: se descubra como um corpo, como uma consciência, como um ser social, tudo isso integrado e articulado. E é por isso que uma educação para a liberdade deve ser também uma educação integral, em

que o homem se perceba e se conheça em todas as suas facetas e características. (GALLO, 2002, p. 30).

Segundo os anarquistas, liberdade equivale a comunhão e não a oposição entre indivíduos, sendo assim, ela significa a condição existencial da sociedade. Bakunin dizia, ainda, que a liberdade é fruto da cultura, da civilização, e junto com Proudhon acreditavam que ela é um produto construído pela coletividade. Novamente convém citar Gallo (2002, p.16) quando este destaca um trecho de Bakunin: “a liberdade dos indivíduos não é um fato individual, é um fato, um produto coletivo. Nenhum homem poderia ser livre fora e sem o concurso de toda a sociedade humana”.

Paul Robin, em 1868, escreveu uma moção sobre educação integral que foi aprovada com unanimidade no Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores, em Bruxelas, aonde este veio a ser secretário da associação a convite do então presidente Karl Marx. Mas foi quando Robin assumiu a direção do Orfanato Prévost, em Cempuis, que a educação integral foi realmente posta em prática, fato que fez com que novos conceitos fossem levantados para implementá-la. Nessa instituição, além das atividades intelectuais eram realizados diversos tipos de atividades, dentre elas, atividades artísticas como pintura, literatura, danças. Essas atividades eram oferecidas não só para propiciar prazer ou desenvolver a apreciação pela arte, mas para estimular as habilidades manuais e corporais, além de exercitar percepções sensitivas. Havia, também, oficinas destinada à atividades produtivas como o trabalho com a madeira, agricultura, costura. Podemos dizer que Paul Robin, Ferrer y Guàrdia e Sébátien Faure foram os maiores responsáveis pela estruturação de uma prática pedagógica com os princípios de uma educação integral.

Portanto, a educação integral, como o próprio nome já sugere, tem como ideal formar o indivíduo completamente, em sua totalidade, o que significa considerar que este possui várias dimensões que devem ser contempladas no ato educativo. Dentre os princípios que fundamentam a educação integral, Gallo (2002, p.32,33) cita os mais importantes: considerar esta educação um processo de formação humana; ter a educação integral como um ato permanente, uma vez que os seres humanos estão em constante construção; articular individualidade e coletividade, já que diante da defesa da coletividade há de considerar as características e qualidades do outro e

relacionar-se harmonicamente com elas. Desta forma, dando ênfase aos princípios da educação integral, acreditamos ser interessante citar o seguinte trecho:

Para que os homens sejam morais, isto é, homens completos no sentido mais lato do termo são necessárias três coisas: um nascimento higiênico, uma instrução racional e integral, acompanhada de uma educação baseada no respeito pelo trabalho, pela razão, pela igualdade e pela liberdade, e um meio social em que cada indivíduo, gozando de plena liberdade, seja realmente, de direito e de fato, igual a todos os outros. (BAKUNIN, 1979 apud GALLO, 2005, p.32)

Uma vez que a educação integral tem como princípio formar seres humanos considerando todas as suas dimensões, evidentemente os sujeitos devem ser educados para terem consciência não só de si, mas das relações sociais nas quais estão inseridos. Assim, o conhecimento deve ser transmitido para todos da mesma forma, já que considerando a perspectiva anarquista, conhecimento equivale a poder. E, para que se possa superar a alienação e processo de dominação historicamente construído, além da forma igualitária de transmissão de conhecimento, cabe à educação integral, também, conciliar o ensino do trabalho intelectual e do manual, possibilitando que os alunos aprendam o funcionamento de todo o processo de produção, passando a ter consciência de seu trabalho como um todo.

Outro fator relevante no que diz respeito aos princípios que compõem a perspectiva da educação integral é o de que a individualidade e coletividade são fatores que devem ser levados em consideração, para enfatizar esse ponto destacamos um trecho:

Todo homem deve ser considerado sob dois pontos de vista: como se isolado, independente, completo por si só, e como membro da coletividade. Nenhuma delas pode ser sacrificada pela outra. Como ser distinto e completo, ele tem direito ao desenvolvimento total das suas faculdades; como membro da coletividade ele deve contribuir para sua parte de trabalho íntegro e necessário (MORIYÓN, 1989 apud Gallo, 2002, p. 33).

Considerando a educação integral na perspectiva anarquista, para que o indivíduo fosse formado integralmente haveria de se considerar três aspectos fundamentais em sua formação: o intelecto, a moral e preocupação com a parte física. Com relação à educação intelectual, conforme já dissemos anteriormente, todo indivíduo deveria interagir-se de todo o conhecimento

produzido pela humanidade, uma vez que o conhecimento é um fator coletivo. Acreditando-se que educar não significa uma transmissão de saberes, cabe à educação intelectual proporcionar a cada indivíduo, além de acesso ao conhecimento geral, a possibilidade de uma construção pessoal do conhecimento e uma relação afetiva com o saber. Sobre isso, podemos dizer que:

Não se educa integralmente ao homem disciplinado sua inteligência, fazendo caso omissivo do coração e relegando a vontade. O homem, na unidade de seu funcionamento cerebral é complexo, tem várias facetas fundamentais (...) Faremos com que as representações intelectuais que sugerem a ciência ao educando, sejam convertidas em um complexo de sentimentos, que ele intensamente as ame. (FERRER y GUARDIÀ, 1912 apud GALLO, 2002, p.34).

No que se refere à educação moral, essa estava ligada à organização de uma nova prática social. Por tal motivo todas as relações estabelecidas no ambiente escolar deviam estar pautadas nos seguintes valores: solidariedade, igualdade e liberdade. Só através da prática desses valores poderia se estabelecer o respeito e a igualdade, além de se constituir uma nova moralidade, como nos lembra Gallo (2002, p.37).

A educação física na perspectiva de educação integral libertária compreendia os aspectos esportivo e recreativo, a educação profissional e, também, a educação manual que leva em conta o refinamento sensorio motor da criança. Para colocar em prática esse aspecto da educação, as escolas integrais ofereciam além de oficinas, como as que citamos há pouco no *Orfanato de Cempuis*, atividades esportivas e jogos recreativos que prezavam pelo espírito de solidariedade ao invés de competição. Como é possível ver em Coelho (2004, p.7), era através da solidariedade, nas tarefas manuais; do espírito coletivo das atividades esportivas e jogos, que constituía-se o cidadão emancipado, questionador, e construtor de uma história coletiva.

Quanto à educação profissional, conforme Proudhon defendia, visava uma educação pelo trabalho, onde o aluno passava por uma instrução geral conhecendo todas as etapas de determinado trabalho, mesmo que depois viesse a se especializar em somente uma delas. O que importava aí era dar condições para que o indivíduo tivesse acesso a todo o conhecimento e não somente a uma fração. A educação profissional também seria politécnica, ou seja, os alunos conheceriam variados tipos de atividades.

A educação a que nos referimos é aquela que pensa no ser humano de forma completa, que considera que sua formação educacional deve colaborar para sua emancipação, e assim percebemos que uma educação que tem realmente o objetivo de formar seres humanos consegue conciliar em sua proposta, ao mesmo tempo, a educação intelectual, filosófica, política artística, esportiva e profissional. Esta perspectiva a que nos referimos é a educação integral idealizada pelos anarquistas, mas nem todas as propostas de educação integral possuíam os mesmos fundamentos e práticas que a libertária. Os integralistas³ brasileiros, por exemplo, foi outro grupo que manifestou idéias relativas a uma educação integral, mas pautavam seus princípios em pontos diferentes dos anarquistas, dando ênfase ao nacionalismo cívico, à disciplina e à espiritualidade. Os fundamentos integralistas estavam relacionados aos aspectos políticos-conservadores. Entre os integralistas, os nomes que mais se destacaram no que se refere à educação integral são Plínio Salgado e Leopoldo Aires. Convém, no entanto, para enfatizar o que colocamos sobre a educação integral do movimento integralista, destacar um trecho de Leopoldo Aires citado por Cavalari (1999, p.46 apud COELHO, 2004, p. 7): “O verdadeiro ideal educativo é o que se propõe a educar o homem todo. E o homem todo é o conjunto do homem físico, do homem intelectual, do homem cívico e do homem espiritual”.

O educador Anísio Teixeira⁴ também idealizava a implantação de uma educação integral, acreditando que para as crianças dos anos iniciais do ensino fundamental é indispensável uma formação ampla, completa, para que esta se tornasse um adulto esclarecido, capaz de lutar pelo progresso do país, apoiando, assim, uma educação para o trabalho e para a cidadania. Para isso, a educação que defendia era a educação integral. Logo, a escola deveria oferecer atividades intelectuais, filosóficas, artísticas, profissionais e físicas. O cuidado com a saúde também era um dos quesitos que a escola deveria dar conta. Portanto, como nos lembra Coelho (2004, p.9), a educação integral proposta por Anísio Teixeira caracteriza-se pelos aspectos políticos-

³ Integralistas - Componentes de uma corrente política tradicionalista que defendia que uma sociedade só funciona tendo como princípios a ordem, a paz e o respeito às hierarquias sociais. Essa corrente surgiu em Portugal no século XX. Defendiam um sistema político adequado à própria história, cultura, religião e pensamento. Faziam oposição às doutrinas igualitárias: socialismo, anarquismo e comunismo. Surgiu no Brasil por volta dos anos 30, demonstrando-se implantando sua doutrina massificadora e unificadora contrariando o modernismo filosófico e prático.

⁴ Anísio Teixeira (1900/1971) Advogado, intelectual, educador e escritor. Sempre envolvido em causas educacionais, foi um dos nomes que mais se destacaram na assinatura do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova (1932). Lutou por um ensino público, gratuito, laico e obrigatório.

desenvolvimentistas, preocupando-se com uma formação para o progresso, para um desenvolvimento industrial.

Nos anos 30, Anísio Teixeira implementou no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, uma educação integral que possibilitava enxergar a educação de modo globalizado. Inspirado por propostas americanas – sistema Platoon⁵ – organizava-se de modo a proporcionar uma ligação entre as estruturas administrativas e pedagógicas da escola. As crianças, divididas em grupos, participavam de diferentes atividades no período escolar. As atividades dos grupos eram organizadas através de um rodízio de horários. Era uma proposta, como diz (Chaves, 2002, p.52), inovadora que coloca abaixo a idéia da sala de aula como algo estático, fixo e previsível. As crianças participavam das aulas das disciplinas fundamentais (português, matemática...), mas também tinham atividades no auditório, na biblioteca, atividades com jogos, aulas de música. No entanto, como toda a rotina escolar estava organizada no sistema de rodízio, em relação ao tempo e aos espaços utilizados pelos grupos, o bom desempenho dos projetos pedagógicos estava “preso” em horários estipulados para cada atividade a ser realizada pelos grupos.

Essas inovações pedagógicas propostas por Anísio Teixeira tinham o objetivo, também, de transmitir certos valores e comportamentos através de atividades que inserissem a criança no meio social e que formasse os indivíduos de tal maneira que no futuro tivessem condições de modificar a sociedade. As mudanças dessa proposta não implicavam nas práticas e metodologias usadas pelos professores, que continuaram valorizando as definições, memorizações e conteúdo.

Acreditamos que agora, depois de conhecer um pouco melhor as raízes fundamentadoras da educação integral, e tendo visto que por trás dela existe um alicerce ideológico, filosófico, político e social que embasam as diferentes interpretações dadas a ela, é possível chegarmos a conclusão se é viável ou não a implantação de uma educação integral na pós-modernidade. Ao pensar na educação integral e em algumas das propostas que mencionamos, concordamos com

⁵ Sistema Platoon – Concebido nos Estados Unidos, nos primeiros anos do século XX, e tinha como objetivo estruturar o ensino sob o ponto de vista do trabalho, do estudo e da recreação, uma vez que se acreditava que a educação deveria abarcar todos os aspectos da natureza infantil; ou melhor, seria função da escola “providenciar o exercício de todas as capacidades das crianças, continuamente, desde a escola maternal até o colégio júnior”(EBY, 1962 apud CHAVES, 2002).

Coelho (2004, p. 9), pois pode-se perceber que mesmo que os princípios políticos e ideológicos que as fundamentam sejam diferentes elas ainda possuem uma natureza semelhante, principalmente no que se refere às atividades educativas.

Sabendo que a tendência da contemporaneidade é fazer com que as produções culturais prevaleçam sobre os materiais, mais do que nunca a educação deverá estar comprometida a formação de indivíduos plenos, conscientes, independentes. Necessita-se de uma educação que permita que os indivíduos sejam livres, autônomos, pois não há mais lugar para uma educação que esteja preocupada em manter o a imutabilidade do sistema e que para isso continue a educar o indivíduo para atender às suas necessidades. Conforme dissemos anteriormente, a educação que vimos imperar durante a modernidade foi aquela que formava o indivíduo para ser o que ele não é, e como estamos percebendo, a contemporaneidade emerge exigindo uma pedagogia que dê importância à singularização, à subjetividade, e que forme o indivíduo para ser aquilo que ele de fato é. Desta forma, apontamos a importância da seguinte passagem:

Uma educação integral é fundamental em nossos dias, para que as escolas possam abandonar o modelo até então hegemônico de transmissão de informações. Aqui continuam válidas as críticas dos anarquistas e suas propostas de alteração de rota. Uma educação intelectual voltada para o processo e não para o produto, que privilegie a curiosidade, a busca, a construção de saberes, pode formar indivíduos muito mais “anteados” com as necessidades contemporâneas. (GALLO, 2002, p.39).

A educação não pode mais ser vista como uma simples transmissão de saberes e nem a escola pode ser embasada por normas e discursos. A escola contemporânea tem que ser um espaço de integração social, psicológica, econômica e cultural. As interações da sala de aula devem ser pensadas e repensadas constantemente, tratando-se de investir nas situações de aprendizagem. Conforme vimos anteriormente, segundo Pourtois e Desmet (1999, p. 45), a perspectiva pós-moderna reconhece que cabe a educação formar o sujeito individual e coletivamente, e para que esta ocorra de forma harmoniosa faz-se necessário trabalhar todas as dimensões que compõem o indivíduo: afetiva, cognitiva, social e ideológica. Logo, se sabemos que o modelo pedagógico pós-moderno deve considerar todas as dimensões do indivíduo que se propõe formar, além de conjugar racionalidade e subjetividade, que educação seria ideal para formá-lo senão uma educação integral?

Desta forma, acreditamos que devemos construir uma pós-modernidade de libertação onde os seres humanos são verdadeiramente livres tendo acesso a todo o conhecimento, num mundo em que a razão não ofusca o indivíduo, e nem tão pouco a individualidade torna-se o único refúgio do sujeito imerso numa gama de incertezas. Concordamos com Freitas (2005, p.106) quando este diz que é preciso que haja uma união, que volte a se considerar a coletividade, para que assim possamos unir forças para construir uma nova realidade social, mas para isso é preciso que recuperemos os valores universais de emancipação humana e libertação.

Conforme nos indicam Pourtois e Desmet (1999, p. 299) no contexto educativo contemporâneo não há mais lugar para a exclusão e toda a nossa herança anterior pode servir como base para que repensemos a educação e, quem sabe, possamos construir novas práticas a partir das experiências vividas. Acreditando nisso, afirmamos que os princípios da educação integral se encaixam na contemporaneidade. E, à luz das idéias oriundas da modernidade, talvez possamos nos inspirar para colocá-la em prática, na contemporaneidade, uma educação que forme integralmente o indivíduo pós-moderno, considerando todas as suas dimensões, visando atender suas necessidades, preparando-os para lidar com a realidade que se configura na pós-modernidade. Ousamos dizer, ainda, que se almejamos uma pós-modernidade formada por sujeitos conscientes e plenos devemos dar atenção especial à educação integral proposta pelos anarquistas, já que ela estava diretamente ligada à construção da liberdade, à autonomia dos indivíduos e na transformação de valores.

Considerações Finais

Ao longo desta pesquisa levantamos fatores que caracterizaram a modernidade em seu contexto geral, relembramos a teia que compõe o sistema capitalista e, a partir daí, conseguimos perceber como se configura a contemporaneidade. A questão educacional surgiu nesta pesquisa com a expectativa de perceber qual a educação capaz de formar o indivíduo contemporâneo tendo em vista, não só as intensas críticas feitas à educação na modernidade, mas a necessidade de mudanças educacionais que emergem com a pós-modernidade.

Diante das incertezas no campo científico e do fim das esperanças no campo político, associadas à perspectiva que vê o consenso como algo retrogrado, apostando consseqüentemente no fim das metanarrativas, percebemos que os indivíduos que vivem em meio a isso tudo encontram na individualidade o único local para fugir das incertezas que o assolam. Emerge com grande força a necessidade de se conciliar racionalização e subjetivação, que junto com os demais quesitos que citamos formam o quadro complexo a que damos o nome de pós-modernidade.

Apostando nossas fichas numa pós-modernidade de libertação, não podemos deixar de refletir sobre o campo educacional. Partindo do princípio que a educação que vimos imperar na modernidade auxiliou a manter o sistema imutável, já que educava os indivíduos para se adequar às condições que lhes eram oferecidas e não para questioná-las, acreditamos que a pós-modernidade deve formar um indivíduo completo.

Para que a contemporaneidade seja palco para novas relações sociais e culturais, torna-se extremamente relevante o papel da escola, de uma educação comprometida com a transformação dos valores, com a construção da autonomia e da liberdade. E, se como apontam Pourtois e Desmet (1999) o modelo pedagógico pós-moderno deve levar em conta o ser humano em todas as suas dimensões: sociais, afetivas, cognitivas e ética; não podemos deixar de defender a educação integral como a mais completa para formar os indivíduos contemporâneos.

Levantar os princípios teóricos e metodológicos que compõe algumas das interpretações dadas à educação integral ao longo do tempo só enriqueceu nossa convicção em colocá-la em

prática na atualidade, tendo em vista que a natureza de seus princípios continua bem adequada às necessidades da época. Isto posto, é relevante citar Coelho, quando esta diz:

Não acreditamos em transplantes de idéias anarquistas, integralistas, ou individuais, mesmo que de educador renomado, como Anísio, sobre educação integral. Antes de tudo, é preciso conhecer tais proposições, refletir sobre elas e, como dizia Oswald de Andrade, “em uma atitude antropofágica”, construir concepção própria de educação integral para as instituições públicas de ensino com essas características (COELHO, 2004, p.9)

A partir do momento que se conhece o contexto geral em que estão inseridos os indivíduos é possível perceber as necessidades educacionais para melhor formá-lo. Tal fato associado a uma constante reflexão pedagógica e a uma educação com bases em princípios fincadas na emancipação e na liberdade conseqüentemente terá com resultado uma sociedade mais justa e igualitária. Pautado nessa perspectiva apontamos que a educação integral é a educação ideal para a pós-modernidade.

Bibliografia

BAUMAN, Z. (2000). *Em busca da política*. RJ: Zahar.

CHAVES, Miriam Waidenfeld. "Educação integral: uma proposta de inovação pedagógica na administração escolar de Anísio Teixeira no Rio de Janeiro dos anos 30". In: COELHO, L.M. C da C. e CAVALIERE, A. M. C. V (orgs). *Educação brasileira em tempo integral*. Petrópolis, Vozes, 2002.

COELHO, L. M. C. C. *Educação integral: Concepções e práticas na educação fundamental*. In: 27a. Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2004.

FREITAS, L. C. *Uma pós-modernidade de libertação: reconstruindo as esperanças*. 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

GALLO, Silvio. "A educação integral numa perspectiva anarquista". In: COELHO, L.M. C da C. e CAVALIERE, A. M. C. V (orgs). *Educação brasileira em tempo integral*. Petrópolis, Vozes, 2002.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2000.

POURTOIS, Jean-Pierre; DESMET, Huguette. *A educação pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1999.

SACRISTÁN, José Gimeno. *A educação que temos, a educação que queremos*. In: IMBERNÓN, Francisco (Org.). *A educação do século XXI: os desafios do futuro imediato*. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
 Centro de Ciências Humanas e Sociais- CCH
 Escola de Educação – EE
 Departamento de Didática - DID

MONOGRAFIA II

ALUNO(A)/matrícula: Renata Rosa Oliveira de Melo

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO:

Formação Integral e Pós-modernidade: qual educação para qual sujeito?

ORIENTADOR(A): Lígia Maria C. da Costa Coelho

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: Nailda Marinho da Costa Bonatto

Nota: 10,0 (dez)

Considerações:

Embora com algumas afirmações apressadas e citações de obras através de terceiros, necessita de uma revisão gramatical, de digitação; das referências bibliográficas quanto à forma, percebe-se esforço intelectual e compromisso com o trabalho elaborado. Mesmo que não se concorde com a autora, ao defender com propriedade e com argumentação sua tese, torna o texto significativo considerando tratar-se de uma monografia de graduação.

DATA: 21 de julho de 2008.

Assinatura: Nailda Marinho Bonatto

SEGUNDO AVALIADOR

Professor orientador: Luígia Martha C. da C. CoelhoNota: 10,0 (dez)

Considerações:

O estudo realizado por Renato apresenta ^a maturidade intelectual da aluna, tanto na escolha do tema, quanto pelas reflexões realizadas. É importante destacar que trata-se de um trabalho de graduação e que a graduanda mostrou competência técnica e discursiva durante sua elaboração

Data: Rio, 10 de julho de 2008Assinatura: Luígia Coelho

TERCEIRO AVALIADOR

Professor de Monografia II: Janaina S.S. MenezesNota: 10,0

Considerações:

O trabalho aborda as exigências para a elaboração de um texto acadêmico monográfico

Data: 31/ julho / 2008Assinatura: Janaina S.S. Menezes

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Média final
10,0	10,0	10,0	10,0